

Brasil-Argentina: fronteira seca

Demarcação de Limites – 1974/1975

Diários de Campanha

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES



Ministro de Estado Embaixador Celso Amorim

Secretário-Geral Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO



Presidente Embaixador Jeronimo Moscardo

A *Fundação Alexandre de Gusmão (Funag)*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br

José Ramos Santiago

Brasil-Argentina: fronteira seca

Demarcação de Limites – 1974/1975

Diários de Campanha

Organização
Claudio Teixeira



Brasília 2006

Direitos de publicação reservados à

Fundação Alexandre de Gusmão (Funag)
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847/6028
Fax: (61) 3322 2931, 3322 2188
Site: www.funag.gov.br
E-mail: publicacoes@funag.gov.br

Equipe Técnica

Coordenação Geral:
CLAUDIO TEIXEIRA

Coordenação:
ELIANE MIRANDA PAIVA

Assistente de Coordenação e Produção:
ARAPUÃ DE SOUZA BRITO

Programação Visual e Diagramação:
PAULO PEDERSOLLI

Impresso no Brasil 2006

Santiago, José Ramos.

Brasil-Argentina: fronteira seca; demarcação de limites - 1974/1975, diários de campanha / José Ramos Santiago; organização, Claudio Teixeira. — Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2006.
160 p.

ISBN 85-7631-059-7

1. Brasil - Fronteiras - Argentina. 2. Argentina - Fronteiras - Brasil. I. Santiago, José Ramos - Diários. I. Teixeira, Claudio. II. Título.

CDU 341.222 (81:22) (ed. 1997)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1.825 de 20.12.1907

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13
DEMARCAÇÃO DE LIMITES - CABECEIRAS DOS RIOS PEPERI-GUASSU E SANTO ANTÔNIO - CAMPANHA DE 1974	19
DEMARCAÇÃO DE LIMITES - CABECEIRAS DOS RIOS PEPERI-GUASSU E SANTO ANTÔNIO - CAMPANHA DE 1975	97

PREFÁCIO

PREFÁCIO

“Brasil-Argentina: Fronteira Seca” relata registros dos diários do amazonense José Ramos Santiago, escritos durante as campanhas de demarcação de limites dos anos de 1974 e 1975, na fronteira com a Argentina.

Em 1931, o Engenheiro Agrimensor José Ramos Santiago, ingressou na antiga “Comissão Brasileira de Limites”, setor oeste, do Ministério das Relações Exteriores, como Auxiliar Técnico. Durante cerca de oito anos prestou serviços na demarcação da fronteira Brasil – Colômbia. Em 1939, com a alteração da estrutura do serviço de fronteiras, foi transferido para a Comissão Brasileira Demarcadora de Limites – CBDL – 2ª Divisão, passando a colaborar na caracterização das fronteiras com o Paraguai e o Uruguai. No início de 1947 solicitou sua transferência para a CBDL – 1ª Divisão, passando a prestar serviços na demarcação da fronteira Brasil – Venezuela.

Em 1956 voltou a servir na CBDL – 2ª Divisão (atual Segunda Comissão Brasileira Demarcadora de Limites), onde prestou eficiente colaboração aos trabalhos desenvolvidos nas quatro fronteiras afetas àquela Comissão: as fronteiras com a Bolívia, o Paraguai, a Argentina e o Uruguai.

Nas campanhas demarcatórias de que participou, tanto ao Norte do Brasil, em expedições que cortaram a selva amazônica,

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

quanto ao Sul, em fronteiras mais vivamente povoadas e densificadas, sua contribuição foi sempre relevante, e em várias delas escreveu um “diário de campanha”. As anotações contidas em seus diários, ora registram dificuldades das comissões para o desempenho das atividades de demarcação, ora fatos que fazem parte de nossa história. Além disso, retratam, com boa dose de humor, momentos vividos com seus companheiros de trabalho, as diversas subidas e descidas do terreno de trabalho, os nivelamentos, as cidades, o povo e os políticos da região em que se encontrava. Faz, ainda, críticas construtivas aos procedimentos de trabalho, e, por vezes, a alguns companheiros.

Não obstante, o Engenheiro José Santiago sempre foi muito querido por seus companheiros e chefes, conforme trecho reproduzido a seguir, extraído de expediente datado de 31/07/1977, relativo à sua aposentadoria, assinado pelo Coronel Juvenal Milton Engel, então chefe da Comissão Demarcadora de Limites:

“De caráter, firme, honesto, trabalhador, disciplinado, cumpridor de seus deveres, experiente no trato dos assuntos práticos referentes aos nossos limites, e ao mesmo tempo afável, bom companheiro em todas as horas, de ânimo alegre e palavra sempre fácil, seja na Sede da Comissão, seja nos acampamentos, o Engenheiro Ramos Santiago deixa para seus Chefes e companheiros, nas duas Comissões de Limites, uma lacuna difícil de ser preenchida.”

O Engenheiro José Santiago, que hoje, aos 96 anos de idade, reside na cidade do Rio de Janeiro, teve seu patriotismo e os 46 anos de dedicação ao trabalho reconhecidos pelo governo brasileiro, com sua inclusão na ordem do Rio Branco, no grau de Cavaleiro.

Claudio Teixeira

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Desde que ingressei na Comissão de Limites, em 1931, senti desejo de escrever tudo o que via e ouvia de meus companheiros. Então, em cada campanha de que participava, passei a escrever um diário, de caráter pessoal, escrito nos momentos de folga, para registrar os bons momentos vividos com aqueles companheiros e os acontecimentos que despertavam minha atenção.

Os primeiros anos de campanha foram maravilhosos para mim. Parecia ter descoberto o que queria da vida. Quase saía gritando, como o grande Arquimedes: Eureka! Eureka! O célebre matemático grego incentivou-me a procurar o que eu não havia perdido.

A Comissão de Limites ensinou-me a percorrer as fronteiras do Brasil, em épocas passadas, quando ainda não tínhamos os recursos do avião e do helicóptero. Levávamos meses para atingir os locais de trabalho de demarcação, viajando de navio e de lancha a motor. Acabávamos, mesmo, chegando a muitos lugares, de canoa movida a remo. E, por vezes, ainda não tínhamos alcançado o divisor de águas.

Continuávamos á pé, subindo e descendo montanhas por muitos quilômetros, até chegarmos ao ponto exato onde teríamos que começar a demarcação. Naqueles pontos, toda nossa carga era conduzida às costas, em “jamaxís” de cipó, preparados anteriormente para aquele fim. Este procedimento foi repetido por anos e anos. Às vezes ficávamos de seis a oito meses no mato. Em algumas ocasiões, saía de um ano e entrava noutro, em plena floresta amazônica, convivendo com a vida selvagem e com o rigor das intempéries.

Ao longo dos anos, os comentários registrados em meus diários, resultaram de experiências conquistadas ombro-a-ombro com colegas de trabalho, brasileiros e estrangeiros, em quase todas as fronteiras do Brasil, do extremo Norte (marco BB/G11-A), ao extremo Sul (marco do Arroio Chuí). Durante 46 anos de trabalhos consecutivos e ininterruptos, trabalhei com militares e civis, em todas as fronteiras, cooperando, árdua e patrioticamente, para o bom desempenho dos trabalhos mistos, na demarcação dos limites com nossos vizinhos.

Em alguns registros fiz comentários a respeito de colegas de turma e sobre a própria Comissão, sem, no entanto, significar ter-me desgostado de qualquer um deles. A única intenção foi a de comparar as deliberações de determinada época com deliberações anteriores, para mostrar que aquelas mais recentes não estavam certas. Os registros foram feitos não no sentido de crítica, mas para que pudessem servir de alerta para normas futuras, e contribuir para um melhor trabalho da Comissão, em suas tarefas de demarcação. Sentir-me-ei honrado e homenageado por todas as pessoas que vierem a lê-los.

INTRODUÇÃO

Meus melhores dias de mocidade e da vida passei-os pelas matas das fronteiras. Venci toda a muralha de sacrifícios com galhardia! Graças a Deus, no rodapé da vida, eu escapei e estou aqui. Antes assim!

José Ramos Santiago

DEMARCAÇÃO DE LIMITES
CABECEIRAS DOS RIOS PEPERI-GUASSU
E SANTO ANTÔNIO

CAMPANHAS DE 1974

DEMARCAÇÃO DE LIMITES
CABECEIRAS DOS RIOS PEPERI-GUASSU
E SANTO ANTÔNIO

CAMPANHA DE 1974

Sábado – 26/10/1974 – Saímos do Rio de Janeiro com destino a Barracão – PR, na camionete Veraneio da Comissão, nº IF 1358, às 08:00h. A camionete tinha sido carregada na véspera, com material técnico da Comissão. Éramos só eu e o Oficial Administrativo Pedro Arlindo, como motorista.

Viajamos até chegar a São Paulo, às 15:00h. A camionete estava muita carregada, com bastante material da Comissão. Pernoitamos. Fui dormir na casa de um parente (primo-irmão) que residia há muitos anos em São Paulo, de nome Arthur Cintra Ramos, proprietário da Agência Americana de recortes de jornal.

Domingo – 27/10/1974 – Deixamos São Paulo às 7:15h. À tarde tivemos um forte temporal, que nos fez reduzir a marcha e atrasar a viagem. Viajamos até as 17 horas, quando chegamos à Guará, já na BR-277, no Estado do Paraná, pertinho de Guarapuava. Lá jantamos e pernoitamos.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Segunda-feira – 28/10/1974 – Saímos de Guará às 6:00 horas. Meia hora depois, em pleno asfalto, o pneu traseiro furou e batemos no meio-fio. Por sorte, naquele momento, o movimento estava calmo e nenhum veículo cruzou à nossa frente.

Perdemos meia hora para trocar o pneu. Tivemos que descarregar um pouco do material. Continuamos a viajar, às 07:00h.

Às 7:30h paramos no Posto Guairacá-2, em Guarapuava, para mandar consertar o pneu que havia furado. Colocamos o pneu sobressalente em seu respectivo lugar. Às 8:00 horas continuamos a viajar. Passamos por Pato Branco, às 11:20h, e tomamos uma estrada de terra. Havia chovido bastante, e tinha uma grande quantidade de caminhões parados à beira da estrada, que estava em péssimas condições, com muita lama e muitos buracos.

Com muito sacrifício, às 13:30h conseguimos chegar em Marmeleiro, onde almoçamos e abastecemos a camionete. Pouco depois o sol apareceu e a estrada melhorou. Foi possível desenvolver melhor velocidade. Chegamos em Barracão às 16:00h, e encontramos o Coronel Moraes e o pessoal de Livramento. Tinham viajado na Camionete C-14 e no Caminhão DIESEL, e haviam chegado algumas horas antes de nós.

Ao chegar na casa onde iríamos ficar acampados, encontrei um velho companheiro de trabalho, o Capitão Cecílio Ril Wyzykowski. Foi com imensa alegria que nos abraçamos. Há vários anos não nos encontrávamos. Era sempre agradável rever um bom companheiro, dos tempos passados. O Cecílio sempre tinha sido um bom camarada.

Como da vez passada, ficamos hospedados na casa onde funcionava o CETREA - Centro de Treinamento Agrícola do Estado de Santa Catarina. Porém, daquela vez, a casa estava ocupada por famílias de operários de uma empresa que estava implantando o encanamento de água nas cidades de Barracão e Dionísio Cerqueira. Com a nossa chegada, desocuparam alguns aposentos e nos deixaram à vontade, como se fôssemos os proprietários daquela casa.

Com alguma antecedência, o Coronel Moraes e eu tínhamos feito uma visita ao Prefeito Bento. Queríamos dar ciência de nossa ida para aquela fronteira, para trabalhar com a Comissão argentina. Espontaneamente ele nos ofereceu os aposentos do CETREA, afirmando que até dezembro não necessitaria deles, e que ficariam à nossa disposição. No entanto, ao lá chegamos, havíamos encontrado os aposentos ocupados.



CETREA (Centro de Treinamento Agrícola do Estado de Santa Catarina). Nosso "hotel".

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Achava que a Comissão não precisava daquele tipo de favor. Tínhamos nossas barracas, que podiam ser armadas nas proximidades do serviço (como faziam os argentinos), com melhor proveito para os trabalhos de campo, mais facilidades e até economia de tempo e de combustível. Não via razão de a Comissão proceder daquela forma. A não ser que os funcionários trouxessem suas famílias, o que desvirtuaria o passado da Comissão. Não seria melhor que estivéssemos sob nossas barracas, em nosso acampamento?

Às 18:30h o Coronel Moraes, usando as viaturas, levou o pessoal para jantar na cidade.

De madrugada houve um forte vendaval.

Terça-feira – 29/04/1974 – Dionisio Cerqueira, SC. Manhã fresca e de chuva. Não pude dormir direito, tal a quantidade de mosquitos e moscas atordoadas pela luz, que ficou acesa.

A caixa d'água da casa havia amanhecido vazia. Haviam deixado a torneira aberta durante a noite, e a caixa havia secado. Não teríamos aquele problema, se estivéssemos acampados.

Sáímos cedo para passar uma vista d'olhos no trecho da fronteira onde iríamos operar: eu, o Capitão Cecílio e o Coronel Moraes. Andamos sobre a serra, desde o marco V até o Grande Principal, Marco Peperi-Guassu, que estava situado na cabeceira principal do rio de mesmo nome.

Dois argentinos chegariam no dia seguinte, conforme notícias recebidas da Gendarmeria argentina. O Primer Alferes, D. José Luís Ferreira, havia nos avisado sobre a chegada deles.

Observamos o Monumento erguido pelos dois Estados (Santa Catarina e Paraná), notando que a Prefeitura de Barracão havia traçado uma rua tão próxima ao Monumento, que seu alicerce havia ficado à mostra. O Monumento era uma pirâmide de base quadrada, e tinha, em cada lado, uma placa de bronze, com dizeres alusivos à data. Em uma delas estava escrito: **“Data da Assinatura do Acordo entre os Estados de Santa Catarina e Paraná, para a solução da Questão de Limites, proposta pelo Presidente da República, Dr. Wenceslau Braz - 1920”**.

Aquela rua traçada pela Prefeitura de Barracão sacrificava, também, os marcos terciários IV, V, VI do deslindo Brasil-Argentina. Aqueles marcos teriam que ser refeitos.

Naquele dia tivemos que fazer nossa refeição novamente no hotel, porque a cozinheira contratada não havia aparecido.

Depois do almoço visitamos as autoridades: Prefeito de Barracão, Dr. André Guareschi; Prefeito de Dionísio Cerqueira, Coronel Bento da Rosa Menezes; o Chefe da Polícia Federal, Inspetor João Rodolfo Pereira; o Chefe da Receita Federal, Dr. Rafael Décio Filho; o Pelotão do Exército, etc.

O tempo continuava instável. A noite era fria, e havia um forte vendaval.

Por fim, a cozinheira apareceu. Era a mesma do ano anterior, D. Luisa Loiei. Naquela noite jantamos em casa.

Quarta-feira – 30/10/1974 – Dia limpo e de sol, mas muito frio. Os argentinos chegaram e foram nos procurar. Estavam lá o

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Topógrafo D. Victor Axel Farina, D. Martin S. Bassoli e Pascual Verrência. Faltava o Chefe deles, o Geodesta D. Luis Ramón Alfonsin, que estava atrasado, vindo da fronteira com o Paraguai. Combinaram de voltar à tarde.

Às 16:00h eles voltaram e começamos a fazer a Ata de Início dos Trabalhos de Campo, cumprindo as determinações da 4ª Reunião Plenária, realizada em Buenos Aires, no dia 12 de setembro de 1974.

Pensei que a Comissão brasileira fosse propor à Comissão argentina o aproveitamento dos trabalhos de 1903, construindo marcos entre os já existentes, levando sempre em conta a planta de 1903, e fazendo pequenos nivelamentos geométricos, além de colocar novos marcos nos pontos altos encontrados na linha de cumeada. No entanto, haviam decidido fazer uma nova poligonal.

A carta de 1903 fazia parte de um Tratado de Limites entre as duas nações. De forma alguma podia ser deixada de lado. Assim pensava eu.

Porém, na 4ª Reunião Plenária, lembrava-me bem que o General Gonzalo Gomez, ao falar sobre aquele assunto, não concordava que se fizesse alterações ou qualquer reforma que viesse a ficar inadapável. Os novos marcos deveriam constar na referida carta – introdução de detalhes –, sem desvirtuá-la e desmerecê-la.

Contudo, naquele momento, percebia que nossos demarcadores estavam querendo fazer uma nova poligonal e uma nova altimetria.

O trabalho dos demarcadores passados, valioso e aceito pelos dois governos, eram um Tratado! Eterno, portanto!

O jeito seria esperar e ver o que iriam fazer dali em diante. Fariam uma poligonal de precisão? Reconstituir a velha não podiam, porque não sabiam onde ficava a partida inicial. Atribuia-se que, em alguns marcos terciários, os demarcadores passados os haviam construído sobre a estação da poligonal. Mas disso não tinham certeza. Até porque os trabalhos efetuados naquela época eram feitos com instrumentos de pouca precisão técnica.

Achava que o trabalho certo seria a construção de marcos nos pontos necessários, a intervisibilidade entre eles, aproximando-os uns dos outros pela linha de cumeada, com desenho na mesma escala, para ser aproveitada a Carta de 1903.

Todo aquele trabalho de retificação de divisor passaria a figurar na Carta de 1903.

Quinta-feira – 31/10/1974 – Dia limpo e frio. Um vento forte incomodava. Havia ficado combinado, no dia anterior, que o Geodesta Alfonsin estaria por lá, com seu colega Farina, às 9:00 horas. Mas até aquele momento não haviam chegado.

Não sei o que estava havendo entre eles. O Farina havia dito a mim, particularmente, que D. Alfonsin já tinha chegado, havia dois dias.

Desde o início dos trabalhos da Subcomissão Mista de Inspeção e Reparação dos Marcos da Fronteira Brasil-Argentina, que D. Alfonsin ocupava o cargo de delegado-chefe.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Finalmente os argentinos chegaram, na companhia de D. Alfonsín. Alegraram-se ao nos ver.

Concordaram com o teor apresentado da Ata de Início dos Trabalhos de Campo, e levaram uma cópia para fazerem a tradução, estudo e comparação, para, então, ser assinada no dia seguinte.

D. Víctor Axel Farina estava com viagem de regresso marcada para Buenos Aires, e deu-me de presente uma garrafa de uísque escocês. Riu muito quando pediu-me, à mesa, a farinha de mandioca. Eu recusei-me a passar a farinha, dizendo que não consentiria que praticasse a antropofagia, comendo a si mesmo.

Registramos os dados de seus veículos (número de placa, marca e cor) para fornecermos à “Mesa de Rendas Alfandegárias”, para que não fossem incomodados quando tivessem que cruzar a fronteira para entrar no Brasil. Tal acordo dava passe livre para ambas equipes cruzarem a fronteira.

Naquele dia, às 9:00h, o Engenheiro Francisco Loncan, membro da nossa delegação, havia chegado, trazendo sua esposa, D. Carmen. Hospedaram-se no Hotel Nova Iguaçu.

O Cecílio havia retirado os aparelhos das caixas, para ensinar a técnica de nivelção das miras INVAR aos três trabalhadores que haviam sido admitidos localmente para o serviço de campo.

Até aquele momento a Comissão só havia conseguido contratar três trabalhadores e, assim mesmo, refugos. Um deles até estava manquejando.

Talvez devido ao tratamento dispensado a eles no ano anterior, a Comissão não estivesse sendo procurada. Dos três contratados que apareceram, um deles já não estava querendo continuar.

Em conversa que tive naquele dia com o Coronel Moraes, sobre demarcações passadas, observei que antigamente os chefes das Comissões Demarcadoras de Limites, os Barões do Imperador, eram os porta-estandartes nas campanhas de demarcação. Andavam à frente. Mas aquilo havia mudado. Os chefes mandavam-nos à campanha, e ficavam no conforto de seus gabinetes, na cidade, juntamente com os seus assessores, usufruindo melhores vencimentos e diárias, e de lá expedindo ordens.

Os subchefes que nos acompanhavam ficavam no acampamento se preocupando com as contas e os telegramas recebidos, que eram inúmeros. Restava muito pouca gente para o principal, que era o que justificava a existência das Comissões de Limites: o trabalho de campo.

Para mim aquilo era o fim da própria Comissão! Campanhas com duração pré-determinadas de um mês, acampamentos em casas do governo do Estado, longe do trabalho! Para mim era o fim da picada!

O trabalhador Aramis dos Santos, que estava na Comissão como Auxiliar de Medição, havia bebido cachaça e já começava a se alterar. Era um contumaz. Todos os anos repetia aquela façanha.

Sexta-feira – 01/11/1974 – Dia limpo, fresco e de sol. Infelizmente estávamos perdendo aqueles bons dias, para mais tarde termos que enfrentar os dias de chuva e com muita lama.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

A Ata de Início dos Trabalhos de Campo já estava pronta, e restava apenas ser assinada pelos argentinos. Decidiu-se pela data de 31/10/74 como início dos trabalhos de campo.

O Cecílio continuava a treinar os três trabalhadores para os trabalhos de nivelamento. Eles estavam aprendendo muito devagar. Alguns não davam mesmo para aquele serviço. Outros só sabiam plantar batatas. Por mais que se ensinasse, não davam de si.

Logo chegou meu amigo Loncan, para começar a trabalhar conosco. Não sei se pelo costume adquirido no Rio de Janeiro, no gabinete, já começara o trabalho de “portas fechadas” com o Subchefe. Antes de sua chegada, as portas ficavam abertas.

Às 11:20h chegaram os argentinos, trazendo a Ata, em espanhol. Estava com eles a senhora do Topógrafo Farina. Haviam ido despedir-se, pois regressariam a Buenos Aires.

Marcou-se a assinatura da Ata para as 16:00h, no acampamento dos argentinos. Eles estavam acampados quase na aba da serra, em uma nascente argentina, de águas claríssimas.

Na conversa que havia mantido no dia anterior com o Coronel Moraes, senti que este também iria adotar o mesmo sistema de trabalho que seus colegas de Comissão de Limites: colocar-nos no trabalho duro de campo, e ficar no acampamento, respondendo a telegramas e cuidando da verba e das compras. Aquela turma de reformados era sabida! Mas, para sabidos, só “sabidos e meio”.

Às 14:00h fizemos algumas visitas às autoridades locais para dar-lhes ciência de que os argentinos estavam em trabalho de demarcação conosco, e tinham passe livre na fronteira.

Depois fomos ao Hotel Nova Iguaçu, ao encontro de Loncan, para irmos à Prefeitura de Barracão e tirarmos cópias “xerox” das Atas, relativas ao Início dos Trabalhos de Campo. Lá conversamos bastante com o Prefeito André Guareschi, que se dizia à disposição da Subcomissão Mista, para o que fosse necessário ao desempenho da missão.

Da Prefeitura de Barracão seguimos direto para o acampamento dos colegas argentinos. Chegando lá, fomos recebidos amavelmente por eles, que nos levaram a uma mesa armada debaixo de árvores e rodeada de barracas de lona. Uma beleza de acampamento, armado ao lado direito da estrada que ia para as Cataratas do Iguaçu. Praticamente dentro da cidade de Bernardo de Irigoyen.

Fazia parte da recepção deles uma cadela polar, que pertencia ao Tenente Moreno, de nome Diana. Era mansa, peluda, bonita, grande e toda branca, com as orelhas e parte da cabeça na cor preta. Bonito animal. Ela sabia puxar trenó, e havia sido levada pelo Tenente Moreno, quando esteve na Antártida.

Eram as seguintes as composições das delegações:

Delegação argentina:

D. Luis Ramón Alfonsín

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

D. Victor Axel Farina

D. Martin Bassoli

D. Pascual Verrengia

D. Adolfo O. Moreno

D. Juan P. Ochoaispuro

Delegação brasileira:

Coronel Rubens Onofre de Azevedo Moraes

Engenheiro Francisco Loncan

Auxiliar Técnico José Ramos Santiago

Topógrafo Capitão Cecílio Ril Wyzykowski

Sábado – 02/11/1974 – Manhã limpa e com bastante sol. Dia de Finados. Fui ao marco das Cabeceiras do Rio Peperi-Guassu (Marco Principal), em Comissão Mista, colocar o RN provisório de partida do nivelamento de precisão “Cabeceiras dos Rios Peperi-Guassu - Santo Antônio”. Em minha companhia estava D. Alfonsin, Chefe da Subcomissão argentina.

Numa das arestas do marco, do lado da nascente, juntinho à sapata, colocamos uma estaca subterrânea de cimento, com uma cabeça metálica amarela, centrada e bem fundida no cimento. Terminamos aquela operação às 13 horas, e depois levei o Sr.

Alfonsin de volta ao acampamento. Ao chegarmos ao acampamento argentino, quando já nos despedíamos, deram por falta da chave da porteira, e tivemos que voltar ao marco para procurá-la. Lá estava, justamente no local onde o Sr. Alfonsin havia se abaixado para apanhar pedras britadas para a construção do pilar de RN.

Para aquele RN iria ser dada uma cota arbitrária de 800 metros, para começo dos trabalhos de nivelamento do terreno de divisor de águas.

Domingo – 03/11/1974 – Bonito dia de sol. Visita do Governador de Santa Catarina à cidade de Dionísio Cerqueira. Churrasco oferecido pelo Prefeito, Coronel Bento da Rosa Menezes. Várias inaugurações e solenidades. Havíamos sido convidados e fomos prestigiar o evento com nossas presenças.

O Coronel Moraes havia convidado os demarcadores argentinos, mas não puderam aceitar. Estavam com problemas no acampamento, e pediram desculpas por não poderem comparecer.

Às 12:00h fomos até à Prefeitura para um encontro com o Prefeito e outras autoridades, para depois, em caravana, nos dirigirmos ao encontro do Governador.

Na hora “H” o pneu de nossa camionete estourou. Era a segunda vez. Que azar!

Fiquei com o motorista para mudar o pneu. Os outros membros da Comissão seguiram de carona.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Meia hora depois seguimos direto para o churrasco. Estava muito animado e concorrido, e contava com a presença de argentinos da fronteira. Acompanhamos as inaugurações: Sindicato dos Ruralistas - Sede; Telefonia Interurbana; Instituto de Base. Na inauguração da Companhia Catarinense de Telecomunicações – COTESC, nos demoramos um pouco mais, em virtude dos falatórios. Ali próximo havia um comício político (MDB ou PTB), acompanhado de foguetório. Regressamos as 17:30h.

Segunda-feira – 04/11/1974 – Dia limpo e quente. Saímos cedo para nos encontrar com os argentinos, no acampamento deles. De lá percorremos o divisor, à pé. Entre conversas que ouvi, pareceu-me que tomavam a decisão que eu pensava, de não se alterar a planta existente, procurando locar os marcos com levantamento altimétrico entre eles, e utilizando sempre a Carta de 1903. Não se poderia fazer de outra maneira. Era consequência de um Tratado. Salvo se as Comissões Mistas viessem a encontrar erro tão frisante, impositivo de correção de comum acordo. Neste caso, a correção, devidamente aprovada, deveria constar em Ata da Comissão Mista.

Fez-se a interpretação do terreno com curvas de nível, e locação dos novos marcos em pontos previamente escolhidos, os mais altos da linha de cumeada.

Os marcos terciários da Carta de 1903 não estavam na linha de cumeada - divisor. Assim era um trabalho bom!

O Cecílio fez a primeira tentativa para reconstituição da poligonal de 1903. Mas não conseguiu.

O tempo estava mudando. Contudo, já havíamos feito alguma coisa para darmos início aos trabalhos de campo.

Terça-feira – 05/11/1974 – Dionísio Cerqueira. O dia amanheceu com chuva. Saímos do acampamento, eu e Cecílio, mas só pudemos chegar até o acampamento dos argentinos. Nada mais foi possível fazer.

Nossa camionete teve outro problema com o pneu. Desta vez rasgado. Foi comprado um outro, com câmara.

Choveu o dia todo e fez frio. O Coronel Moraes calculou, e eu desenhei, o trecho do divisor de águas, desde o Marco Principal das Cabeceiras do Peperi-Guassu, até o marco terciário nº VIII. Não encontramos qualquer diferença da Carta de 1903.

O Cecílio já havia começado a implicar com os três trabalhadores que tinham sido admitidos para os serviços de campo. Ouvi-o dizer, quando se dirigia ao Pedro Arlindo, que “se não servissem, os poria pra fora”. Se despedisse qualquer um deles, com quem o Cecílio iria contar? A Comissão os havia tratado mal no ano anterior. O ex-subchefe, Coronel O’Reilly, não havia usado de bondade com os outros. Assim seria difícil encontrar gente para trabalhar conosco.

Naquele dia, por exemplo, o Cecílio os havia colocado debaixo de chuva, para fazer estacas para o levantamento da poligonal. Na hora do almoço, mandou todos embora para suas casas, ordenando que regressassem às 14:00h. Eles moravam cerca de 4 quilômetros distantes dali. Tinham que ir e voltar debaixo de chuva.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

O que custaria à Comissão lhes dar almoço, evitando que fizessem tamanho sacrifício? Seria justo agir daquela maneira com pessoas humildes, que estavam nos ajudando a cumprir uma missão? Eu achava aquilo uma falta de tática e de compreensão dos companheiros da Comissão Mista. Era uma prova de que nunca haviam trabalhado com homens rudes do campo, cuja exigência maior, por parte deles, era o bom tratamento, que também sabiam dispensar. Eram rudes, mas adoravam bom tratamento.

Cada vez mais a nossa Comissão ia ficando antipática, se afastando daqueles que não trabalhavam com o cérebro, mas de cujas mãos dependíamos muito .

Quarta-feira – 06/11/1974 – O dia amanheceu instável, com ameaça de chuva. Mesmo assim, saímos para o campo. Trabalhamos o dia todo, eu e o Cecílio, fazendo estações de concreto e colocando pinos de metal, algumas vezes próximo ao marco terciário, para a passagem da nova poligonal.

A princípio falou-se em construir, ou melhor, reconstruir primeiro os marcos, para depois começar a poligonal. Porém iam fazendo o contrário, primeiro a poligonal.

A chuva, que havia aparecido, tinha parado. O sol apareceu. Muita lama e buracos. Os argentinos nos acompanharam e puseram suas estacas no terreno, para o início de nivelamento de precisão.

Acompanhei o Cecílio no serviço do estaqueamento de concreto. Aproveitei para tirar fotografias dos marcos I, II, III, IV, e VI.

Eram 17:00 horas e a minha perna doía. Naquele momento chegaram, na camionete, o Loncan e o Coronel Moraes. Encontraram-me sentado na camionete C-14. O Loncan perguntou-me logo se eu tinha tirado as fotos. Respondi-lhe que sim, porém só até o marco VI. Havia deixado o restante para outra ocasião. O Coronel Moraes ponderou: “Mas ainda há sol”, como se dissesse “vá tirar as restantes”. E eu, falando aos meus botões, perguntei: “Eu vim para cá trabalhar para viver, ou para dar a vida aos outros?”.

A Comissão tinha muita gente para mandar, e muito pouca para executar. Todos nós sabíamos da responsabilidade que tínhamos para trabalho daquela importância.

Qualquer oficial nomeado para a Comissão já entrava como Subchefe. Só para mandar. Antigamente todos trabalhavam, e o serviço da Comissão aparecia! Mas já havia algum tempo, o chefe ficava na cidade, tomando conta do escritório e viajando de avião, pra lá e pra cá. O substituto, que era o Subchefe, deveria ir para o campo somente para fiscalizar a turma que estava trabalhando. Afinal de contas, quem iria trabalhar? Só eu, que tinha 65 anos de idade e 42 anos de Comissão de Limites?

Nós, os civis do Ministério das Relações Exteriores, tínhamos direito a uma diária correspondente a 60% do salário mínimo da região. Mas daquele valor, só recebíamos 35%. O restante era descontado a título de alimentação e pousada, segundo uma tabela organizada pela chefia da Comissão. A acomodação, por exemplo, era um desconto ilegal que a chefia fazia, já que estávamos morando numa casa confortável como um hotel, cedida pelo Prefeito de Dionísio Cerqueira, sem nada cobrar. Aquela casa

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

tinha de tudo, desde a cama ao fogão. Aquele desconto em nossa diária era uma injustiça.

Não era a primeira vez que aquilo acontecia. Em outras vezes chegamos a receber comida e dormida dos Quartéis de Fuzileiros Navais. Mesmo assim, a Comissão nos descontava 25% da diária.

Assim só tínhamos a lamentar tudo aquilo que nos acontecia. Não se podia ficar calado diante de injustiças como aquelas. Infelizmente, não!

Foi nomeado Subchefe da Comissão, por proposta da chefia, um Intendente do Exército de nome Prim Duarte de Moraes, Major reformado do Exército. Sua função era incompatível com os trabalhos da Comissão, pois ele era Intendente, e o serviço da Comissão era técnico.

No Rio de Janeiro, o escritório contava com duas camionetes “Veraneio”. Mas haviam mandado, para nosso serviço, a mais velha. A mais nova ficou para o serviço de escritório no Rio de Janeiro, onde não faltavam recursos.

E, como se não bastasse, haviam mandado, como motorista, um funcionário da Administração, de nome Pedro Arlindo. No Rio de Janeiro ficaram dois motoristas da Comissão para guiar a camionete azul.

Francamente, não sabia onde estava o patriotismo daquela gente! Iam para a Comissão sem guardar a responsabilidade que pesava sobre seus ombros. Faziam as coisas ao contrário,

acintosamente, sem que ninguém poupasse a Comissão dos males que recebia.

Até mesmo uma pequena gratificação que nós, civis, recebíamos mensalmente – como eles também recebiam – conseguiram fazer com que o Ministério cortasse aquele benefício, que era concedido como compensação por trabalharmos naquelas fronteiras, longe de nossas famílias, e sempre com perigo de morte.

Havia mais de 30 anos que aquela gratificação era concedida. A Portaria de 29 de abril de 1939, que havia criado aquela gratificação, dizia: “O Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, reconhecendo a qualidade muito particular dos trabalhos demarcatórios, nos quais os servidores públicos do Quadro de Serviço de Demarcação de Fronteiras em exercício nas Comissões Demarcadoras de Limites vivem, meses a fio, todos os anos, internados no ermo das selvas e das cordilheiras, dedicados a esse mister patriótico, e afrontando todas as durezas que se lhes deparam em nossas dilatadas fronteiras do Norte, do Oeste e do Sul, resolve: Instituir, para os militares e funcionários civis que constituem as Comissões Demarcadoras de Limites, além dos vencimentos dos seus postos ou cargos efetivos, a Gratificação Especial pelo exercício das suas respectivas funções nessas Comissões”.

Em outro expediente do Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, datado de 20 de maio de 1941, sobre vantagem de Pessoal Técnico, Administrativo e Subalterno, o seu item 10 dispunha: “*Os militares e os funcionários civis perceberão, além dos vencimentos dos seus postos ou cargos efetivos, a gratificação especial pelo exercício das suas funções fixada na tabela nº 1*”.

Por conseguinte, aquela gratificação estava sendo paga aos servidores em exercício nas Comissões de Limites desde 1939, fosse a título de auxílios mensais, ou de ajuda de custo, ou, ainda, de gratificação de representação pelo exercício de funções junto às congêneres Comissões de Limites estrangeiras.

O que se deveria fazer seria incorporar aquela gratificação aos vencimentos de cada um, mas nunca extingui-la, já que era usada para pagamento de despesas mensais, naquela hora amarga da vida, quando tudo encarecia exageradamente.

Os militares sempre levavam vantagens em suas remunerações em trabalhos nas Comissões de Limites, comparadas aos civis do Ministério das Relações Exteriores (palavras do General e Senador José Guimard Santos), porque, além das vantagens de suas patentes, recebiam da Comissão outro tanto, e o tempo que passavam no mato era contado em dobro para efeitos de aposentadoria. Sempre havia sido assim!

Mas aqueles militares reformados que passavam por ali, não queriam trabalhar como trabalhavam os Barões de Sua Majestade, o Imperador, pois se achavam no direito de mandar num homem como eu, de 65 anos de idade, e com 42 anos de serviços prestados à Comissão em todas as fronteiras, para acompanhar o trabalho de nivelamento, de sol-à-sol, em cima da serra. E eles, de camionete, pra lá e pra cá, olhando o serviço uma vez por outra, dando sugestões.

Aquilo era exploração do homem pelo homem! Era decadência, e não progresso!

Quinta-feira – 07/11/1974 – Dia limpo e bonito. Acompanhei o nivelamento dos argentinos, desde o Marco Principal da Cabeceira de Peperi-Guassu até o marco terciário de nº VII, ida e volta. Levantamento fechado.

Às 17:00h o Coronel Moraes e o Loncan chegaram de camionete. Comentei com o Capitão Cecílio: “Chegaram os passeadores”. O Cecílio esboçou um sorriso medroso e nada disse.

Continuamos a fazer o nivelamento. Os argentinos tinham como nivelador Martin Bassoli, e Pascual Verrêngia, como registrador.

Entre os marcos terciários VI e VII morava uma viúva pobre, com 6 filhos menores. Sua casa estava bem em cima da linha divisória Brasil-Argentina. As crianças passavam o dia sozinhas, aos cuidados de uma filha mais velha, de dez anos. A mãe trabalhava o dia todo na Argentina, em Bernardo de Irigoyen. A casa (um casebre) havia sido construída a mando do Prefeito de Barracão, Dr. André Guareschi, para abrigar a família da intempérie. Disseram que a viúva havia chegado lá sem ter o que comer nem onde morar, juntamente com os filhos. Uma verdadeira obra de caridade do prefeito.

Sexta-feira – 08/11/1974 – Dionísio Cerqueira. Dia limpo e de sol. Pela manhã fez muito frio. Às 6 horas nos encontramos no campo com os argentinos, e começamos a trabalhar. Terminamos cedo com o nivelamento.

O Cecílio continuava com a poligonal entre os marcos, por cima da serra. O dia continuou frio até o meio-dia. Na mata

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

havia muitas frutas: chumbinho, guavireba, uvaia, pitanga, guabijuba, amora, cereja, etc. Comia muita frutinha silvestre. A cereja era uma das mais gostosas, e dava em abundância pelo mato divisor. Como sempre gostei de frutas, me enchia delas.

Às 17:30h, os “visitantes”, Coronel Moraes e Engenheiro Loncan, chegaram na veraneio.

Estava havendo falta de cimento em Barracão, e também do lado argentino, em Bernardo de Irigoyen. Os argentinos, que haviam começado a fazer o pilar de concreto para a observação astronômica, não puderam terminá-lo. A Comissão brasileira havia prometido emprestar cimento a eles, porém até aquela hora, às 9:30 horas, o cimento ainda não havia chegado ao local. Perto do Marco Principal, o pessoal argentino esperava pelo cimento.

O Capitão Cecílio era um bom companheiro, mas por demais minucioso no trabalho que fazia. Isso impacientava um pouco o pessoal.

Sábado – 09/11/1974 – Manhã clara e prenúncio de um dia aproveitável para nós. Às 6:00 horas estávamos a postos, juntamente com um representante argentino, Juan Ochoaispuro, nas proximidades do marco nº I. Cecílio começava a medir distâncias entre os marcos.

O argentino, Sr. Alfonsin, havia viajado para Corrientes, ao encontro de sua esposa.

Naquele sábado trabalhamos o dia todo na poligonal. O Capitão Cecílio no T-2, e o representante argentino, Ochoaispuro,

registrando. Eu, por ser o “vedor” da turma de nivelamento, fazia croquis da região levantada em cima da serra. A altitude era mais ou menos de 800 metros acima do nível do mar. Uma zona ruim de se andar, cheia de pedras e de altos e baixos. O pior trabalho da Comissão era aquele: topografia.

Sentado à espera da leitura, pensava o quanto deviam ter sofrido nossos antecessores, General Dionísio Cerqueira, Major Montarroyo e o Capitão Botafogo, que haviam sido os pioneiros daquela jornada, os primeiros que haviam andado por ali, utilizando os rios encachoeirados e as carroças puxadas a boi e a cavalo, por caminhos íngremes, para atingirem, no maior sacrifício, as paragens daquele sertão-planalto.

Já em meu tempo, encontrávamos aquele mesmo divisor quase limpo pelos roceiros moradores da região, e a facilidade das estradas de rodagem, que não existiam naquela época, em 1896. Trabalhavam com instrumentos antiquados, e para obterem uma pequena precisão se estafavam no serviço. O cimento para a construção de marcos vinha do estrangeiro, em barricas, e quase sempre se estragava na viagem, devido à demora em chegar ao seu destino.

Segundo o relatório do Barão de Parima, a comida era sempre xarque, feijão, farinha e, raramente, carne fresca. Quase sempre havia falta de alguma coisa, e não havia meios de abastecimento na região.

No entanto, construíram marcos de pedra e cimento, de 5 metros de altura, que lá estavam, com mais de 70 anos. Verdadeiros monumentos a desafiar o tempo, nas Cabeceiras dos Rios Peperi-Guassu e Santo Antônio, e nas ilhas do Rio Uruguai.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Desde tempos imemoráveis se demarcavam limites, e tratavam com seriedade e respeito a divisa com o vizinho. Mesmo assim, os desbravadores e bandeirantes estavam sempre prevenidos, construindo fortes e colocando as baterias no rumo da passagem ou da entrada.

Naquela época, o maior e o mais forte, em geral, era o respeitado. Depois de passado tanto tempo, ainda há quem diga que “o limite é um dever do Estado, e a delimitação a própria base da paz”.

A questão de fronteira pode trazer uma guerra. Por isso, as nações cuidam de suas fronteiras com rapidez e assiduidade, dispendendo somas fabulosas para resguardá-las.

Naquele dia, a visita do Engenheiro Loncan e do Coronel Moraes se deu mais cedo, às 16:45h. Batemos um papo.

Trabalhamos até às 18:10h na limpeza de uma picada, que ia em direção ao novo Pilar de Observações Astronômicas, que estava sendo construído pelos argentinos, próximo ao Marco Principal da Cabeceira de Peperi-Guassu. A eles coube fazer a astronomia e o nivelamento. A nós, a poligonal e a reconstrução de marcos.

Naquele dia, dirigindo-se ao Cecílio, apareceu um homem de nome Waldi Pettri, para cobrar uma dívida da Comissão, do ano anterior.

Durante todos aqueles anos trabalhando em demarcação, nunca tinha ouvido dizer que a Comissão devesse ou tivesse devido a alguém! Aquele caso era inédito.

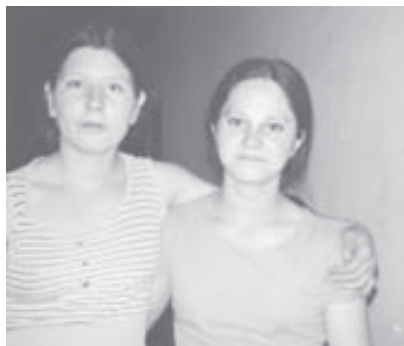
Domingo – 10/11/1974 – Dionísio Cerqueira. Dia claro e de

sol, porém com um vento nordeste insuportável. Eu, o Coronel Moraes, o Cecílio, o Loncan e a Senhora Carmen resolvemos ir visitar o acampamento argentino. Em nosso regresso, passamos pelo Marco Principal das Cabeceiras do Rio Peperi-Guassu e tiramos muitas fotos.

Aquele marco tinha 5 metros de altura e uma base de dois metros de largura. Era bonito aquele monumento. Tinha escudo de bronze, com as armas dos dois países. Dali nos dirigimos à casa de Dona Odir, a nossa arrumadeira e zeladora do prédio. Um churrasco estava sendo oferecido pelo funcionário Palemão Maciel, por completar 35 anos de serviços na Comissão de Limites. Estava, portanto, em condições de se aposentar.

Residia em Sant'Ana do Livramento, e era um exemplar funcionário da Comissão. Estava sempre pronto para os serviços da Comissão, e sempre o fazia com apreço e alegria. Ótimo empregado. Infelizmente nunca havia sido promovido. Bom e prestimoso funcionário era o Palemão.

As copeirinhas apareceram para nos servir. Tão bonitinhas que eu não resisti em tirar-lhes uma fotografia. Umas gringas bem bonitinhas.



Salete e Marilda (copeira e arrumadeira)

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Segunda-feira – 11/11/1974 – Dia claro e de sol. Um pouco frio. Saímos às 6:00 horas, eu e o Cecílio, e fomos buscar um argentino, assistente dos trabalhos de campo.

Em seguida chegamos à base da serra, deixamos a camionete na estrada e subindo à pé. Subida muito íngreme e cheia de pedras roliças.

Conversando com o Cecílio, soube da recomendação recebida, para economizar combustível. Quem mais gastava combustível eram os escritórios: o da cidade e o do mato. Enquanto fazíamos uma viagem de ida para o trabalho, e outra de volta para o almoço, os carros do escritório já haviam feito mais de cinco viagens para fazer compras para a cozinha, e para conduzir as autoridades da Comissão, do hotel para o escritório e vice-versa, numa distância de mais de 5 quilômetros, sem contar as idas e vindas ao acampamento argentino.

“Isso não cola de jeito nenhum”, disse eu para o Cecílio. “Se forem comparados o consumo de combustível dos dois trabalhos, o escritório gasta o dobro. No entanto, a recomendação é dirigida aos trabalhos de campo!”. Rimos bastante.

O corte seria para nos obrigar a acampar à margem do serviço, como os argentinos! Mas o plano deles era outro, e eu bem entendia.

Estávamos a mais de 6 quilômetros do ponto inicial dos trabalhos. Se quisessem economizar combustível, não teriam se instalado tão longe!

O Cecílio havia precisado voltar ao “hotel” para pegar uma caderneta que havia esquecido. Eu lhe adverti, lembrando

a recomendação de economia de combustível, e ele se exasperou e retrucou-me: “Ah! Não estou aqui para fazer economia para os “Prins” gastarem em viagens sucessivas de avião!”

Realmente ele tinha razão. Ele também era militar, e se dizia amigo do chefe da Comissão. Mas, como eu, achava que o negócio não estava andando bem.

À tarde, queimou o motorzinho que puxava água para a caixa d’água do “hotel”. Íamos ficar sem água por quanto tempo? Havíamos chegado do campo e não podíamos tomar banho. Um “hotel” sem água. E agora?

A casa hospedava, também, uma senhora, uma moça e duas crianças, família de um dos empreiteiros de obras do Estado.

Terça-feira – 12/11/1974 – Dionísio Cerqueira. Choveu durante toda madrugada, e amanheceu chovendo. Outro dilúvio. Não podíamos ir para o campo. Choveu todo o dia.

À cidade havia sido dado o nome de Dionísio Cerqueira, em homenagem ao General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, que em cumprimento ao Laudo Arbitral de Cleveland, de 5/2/1895, ao Tratado de Limites, de 6/10/1898, e às Instruções de 2/8/1900, fez o reconhecimento daquela região e demarcou a fronteira.

Naquela época aquela faixa de terra era conhecida pelos argentinos como “Território do Misiones”, e por nós como “O Contestado”!

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Dionísio Cerqueira, no tempo da Demarcação, era Major do Exército. Mais tarde, quando General, foi Ministro das Relações Exteriores, e, antes, havia andado também em demarcação pelo alto Amazonas, em companhia do Barão de Parima, Coronel de Engenheiros Francisco Xavier Lopes de Araújo.

Deixou vários escritos, inclusive um diário particular de título “Reminiscências da Fronteira”, escrito nas cabeceiras de um afluente do Rio Negro, no qual registrou que “as matas do Amazonas são microfônicas à noite.” Sua leitura dá a impressão inequívoca de se estar numa campanha demarcatória, tantas são as passagens e surpresas que se sucedem no decorrer da demarcação, em plena mata hostil.

Faltava água desde o dia anterior. O motor só ficaria pronto às 17:00 horas.

Dia de chuva e de lama. Não sabíamos quando o tempo iria melhorar para podermos retomar os trabalhos.

Às 18 horas recebemos o motor da bomba d’água. Em seguida foi restabelecido o fornecimento.

Havia passado o dia todo tomando água da chuva, limpa e gostosa.

Quarta-feira – 13/11/1974 – Tempo instável, com nuvens e ameaça de chuva. Às 6:00h, eu e o Capitão Cecílio saímos para o acampamento argentino, ao encontro do representante deles, para continuarmos os trabalhos de abertura de picada entre os marcos para a poligonal.

Os argentinos já estavam com o Pilar de Observações Astronômicas preparado para começar naquele dia. Havia sido instalado perto do Marco Principal das Cabeceiras do Rio Peperi-Guassu, e inaugurado em 2/7/1903. Eram as seguintes suas coordenadas: Lat. = $26^{\circ}14'47''$ e Long. = $53^{\circ}38'37,5''$.

Naquele Pilar de Observações seria colocado um bronze (Bulon) de indicação do RN de precisão, usado no nivelamento da Comissão Mista Brasil-Argentina Demarcadora de Limites, e serviria para os dois países.

Às 18:00 horas paramos o serviço de campo e nos recolhemos ao nosso acampamento (“hotel”).

Quinta-feira – 14/11/1974 – Dionísio Cerqueira. Tempo regular. Parecia que continuaria bom. Às 05:50h saímos para o serviço, e durante o trajeto, como sempre, recolhíamos os homens que encontrávamos nos lugares combinados, todos os dias.

Naquele dia eu havia voltado ao nivelamento argentino como assistente brasileiro aos trabalhos da Comissão Mista.

Às 09:15h o Loncan se apresentou ao serviço, também como assistente brasileiro de trabalhos técnicos.

Às 11:00h paramos, e recomeçamos o trabalho às 15:00h. O vento e a reverberação não nos deixavam fazer as leituras. Os melhores períodos para trabalhar eram das 06:00h às 10:00h e das 15:00h às 18:00h. Tinha encomendado, a um dos argentinos que havia viajado para Buenos Aires, 5 vidros de “Chambley”, perfume que havia ganhado do Senhor Alfonsin, e do qual gostava muito.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Ao receber, logo apareceram três pedintes: o Cecílio, o Coronel Moraes e o Landó. Lá se foram três vidros.

Nossa cozinheira, Dona Loiei, havia adoecido e as copeirinhas assumiram a cozinha. O café ficou bem mais saboroso.

Visitamos o Pilar de Observações Astronômicas dos argentinos, já com o Teodolito Bamberg instalado.

Sexta-feira – 15/11/1974 – Feriado e dia de eleições. Naquele dia não trabalhamos. Dia limpo e bonito para se trabalhar no campo.

Quando fomos justificar nossos votos, no Correio, o Cecílio me perguntou em quem eu votaria se estivesse no Rio. Respondi-lhe que era pró governo revolucionário, e só votaria nos candidatos da ARENA. O meu candidato tinha muito merecimento, e eu e minha família sempre votávamos nele. Chamava-se Eurípedes Cardoso de Menezes. Tinha a honra de ser seu eleitor, já havia alguns anos. Eu não era político, mas estava sempre do lado do Governo.

Cecílio e Coronel Moraes foram telefonar para suas casas, mas não conseguiram comunicação. Chegaram a ouvir seus familiares, mas não foram ouvidos por eles. Não houve meio de se comunicarem. São coisas do rádio!

Loncan e sua senhora almoçaram conosco e ouviram música do meu toca-disco.

Sábado – 16/11/1974 – Dionísio Cerqueira. Cheguei às 06:00h no local onde estávamos trabalhando, e lá já estavam os argentinos.

Dia limpo e bonito, sem muito frio e sem muito vento.

O operador Bassoli aborreceu-se com o tratorista, por ter arrancado duas estacas de levantamento, fazendo-o recorrer a novas estações.

Eram 10:00h e ainda não podia me ver livre da japona, porque o sol não esquentava. Trabalhávamos com bastante sol, mas nem por isso sentíamos calor.

Estávamos com a estação entre dois tratores: um brasileiro, do lado do Brasil, desbarrancando e nivelando a rua, e o outro argentino, do lado da Argentina, fazendo o mesmo. Estávamos atônitos, entre o barulho dos dois motores.

Com as duas últimas leituras feitas na lateral da Delegacia de Barracão, os argentinos encerraram os trabalhos da manhã, às 10:45h. Queriam esperar comigo a minha condução, para não me deixarem só. Mas eu os liberei, e fiquei esperando a passagem da camionete C-14. Esperei por 45 minutos.

O Coronel Moraes falou-me que a ARENA estava perdendo terreno em todo o território nacional. Respondi-lhe que só podia ser assim. A própria Comissão de Limites, entidade do governo e de militares, estava repleta de eleitores do M.D.B!

O governo, através de seus órgãos competentes, não fiscalizava, e ainda dava a mão aos inimigos do progresso do país e da Revolução.

O Capitão Cecílio observou que o Ministro Simonsen tinha um comunista como assessor.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Que saudades do Presidente Castelo Branco! Aquele sim, soube ser Presidente do Brasil e da Revolução de 1964.

À noite, o Coronel Moraes falou-me que iria tomar parte nas observações do Pilar Astronômico argentino. Eu me ofereci para bater uma foto, com “flash”, na ocasião das observações. O Loncan interveio, dizendo que não seria a ocasião de se bater fotografias. Não falei mais nada. Desci da camionete, despedi-me de todos e me retirei. O Coronel Moraes perguntou-me se queria que mandasse a camionete me levar ao “hotel”. Respondi-lhe que não precisava, que eu tomaria um táxi para regressar. E assim fiz.

Cheguei ao “hotel” às 21:30h e me deitei. Antes de dormir, pensei no resultado das eleições. Afinal de contas, fui eleitor de correio, justificando a minha ausência do Rio de Janeiro. No entanto, pensando bem, via-se, pelos resultados, que o povo estava querendo voltar ao regime anterior.

O partido da oposição nada mais era que a pluralidade de partidos que desapareceram com a Revolução de 1964, quando se organizaram e se uniram sob a sigla de M.D.B, para combater o único partido governista, a ARENA.

Como aquele governo não era político e não sabia se defender, seria sempre derrotado.

O Prefeito da cidade, Coronel Bento da Rosa Menezes, havia oferecido um churrasco a seus partidários, antes das eleições. Comeram, beberam e votaram no P.T.B, ou melhor, no M.D.B. O Prefeito estava sumido da cidade!

Domingo – 17/11/1974 – Dia limpo e bonito. O Coronel Moraes desenhava um trecho da fronteira, em maior escala.

Resolvi almoçar na cidade, no hotel do Sr. Valduga, para variar um pouco de paladar.

À tardinha fiz funcionar o meu toca-discos, e comecei a ouvir lindas valsas de outrora; valsas de Zequinha de Abreu, das serestas inesquecíveis, que faziam lembrar os bons tempos que não voltavam mais. Evocações do passado, lembranças dos nossos primeiros amores, cerimoniais, que naqueles dias não existiam mais.

À noite estivemos no Pilar Astronômico argentino, que estava sendo operado pelo D. Alfonsin. Consegui tirar uma boa foto da ocasião.

Segunda-feira – 18/11/1974 – Dionísio Cerqueira. Dia limpo e de sol. Bastante calor. Seria muito bem aproveitado para os trabalhos.

Tirei fotos da Prancheta e de uma sepultura do cemitério internacional. A estação ficava junto ao cemitério, o qual estava cheio de flores artificiais e bonitas, dignas de uma foto em cores.

O Coronel Moraes e o Engenheiro Loncan chegaram cedo e ficaram conosco até as 11:00 horas.

O argentino estava trabalhando com a escala 1:2 500, que achava cômoda. Aliás, desenhava bem e tinha um traço firme. À medida que fazia as estações, ia traçando a curva. Aquilo era uma das vantagens da prancheta.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Às 17:30h fazíamos uma estação auxiliar para dentro do Brasil.

O tempo estava quente e havia muitos mosquitinhos. Quando isso acontecia, diziam que viria um mau tempo.

A mata daquela redondeza estava sendo derrubada e não se poupava sequer os pinheiros do lado da Argentina. Era uma devastação sem limites!

Largamos o serviço às 18:00h, com o dia ainda claro. Nos despedimos e acertamos nos encontrar às 6:00 horas da manhã seguinte.

Terça-feira – 19/11/1974 – Barracão. Às 06:00 horas estávamos a postos, no marco terciário nº III. Fui para o campo na “Veraneio”, porque o Cecílio havia saído muito cedo na C-14. No dia anterior, o Cecílio havia chegado do campo às 19:30h, e naquela terça-feira havia saído às 05:00h da manhã. Dos trabalhadores admitidos para trabalhar com ele, três já haviam caído fora.

Aqueles homens rudes do campo não compreendiam o trabalho sem ritmo da Comissão. Não havia hora nem dia. Se fosse preciso, trabalharíamos dia e noite, pois tínhamos que cumprir aquela missão.

Porém, seria necessário amenizar um pouco as dificuldades que existiam naqueles trabalhos. Afinal, não pagavam mais do que o salário mínimo local, e, desinteligentemente, tiravam, dia-a-dia, as pequenas vantagens que tinham sido dadas progressivamente. Até o almoço já não davam mais.

Quando dispensavam um trabalhador, tomavam-lhe a roupa e os sapatos, mesmo usados. E aquilo era feito com uma certa arrogância, que nos deixava imensamente constrangidos.

Ao final da semana, costumavam pedir adiantamento para adquirirem gêneros alimentícios para suas casas. Mas o pagador da Comissão, ou o responsável pelos trabalhos, nunca tinha dinheiro. A desculpa era sempre a mesma: não havia retirado dinheiro do banco, ou não tinha ordem para dar adiantamentos.

E assim nossa Comissão ia perdendo o bom conceito que teve no passado, época em que ao chegar nos locais de trabalho, éramos assediados por dezenas de pessoas que queriam trabalhar com a Comissão, dando-nos o ensejo de escolher os melhores. Assim era.

Um dia presenciei uma coisa que eu não faria a ninguém. Ao meio-dia, três trabalhadores que estavam sendo treinados pelo Cecílio para lidar com as miras horizontais e com os instrumentos, foram mandados almoçar em suas casas, distante mais de 4km, e voltar ao serviço às 14:00 horas. Fizeram os homens andar mais de 8km.

Não seria mais inteligente e interessante para a Comissão dar-lhes o almoço? Quem diria não?

Salário mínimo o trabalhador ganhava para lavar garrafas em um botequim, e não trabalhava aos sábados à tarde, nem aos domingos!

No ano anterior, o Subchefe, Tenente Coronel O'Reilly, havia feito os trabalhadores assinar recibos “em branco”, sem

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

constar a quantia que tinha que pagar. Aquilo era uma coisa que eu nunca tinha visto se fazer na Comissão de Limites!

Andava por lá um senhor que se dizia credor de 600 cruzeiros, por serviços prestados com sua moto-serra, no ano anterior.

No último sábado, como sempre, o Loncan e Coronel Moraes haviam ido ao local onde trabalhávamos. Quando o operador argentino, Sr. Bassoli, se retirou por um momento, para localizar uma leitura, o Coronel Moraes aproveitou para pegar e sacudir a “prancheta”, para ver se estava firme, e também forcejou seus parafusos de apoio. Enquanto fazia aquilo, murmurava e ria.

Fiquei desapontado com o gesto dos dois técnicos brasileiros. Até o motorista deles, Oscar Tambornino, que estava segurando o guarda-sol, olhava-me desconfiado, como se desaprovasse o que estavam fazendo.

Na segunda-feira, o operador queixou-se não ter dormido bem na noite anterior, e que não se sentia bem. Tinha vontade de regressar para sua casa, em Buenos Aires, e não sentia vontade de trabalhar.

Pensei, então, que o motorista devia ter-lhe contado o que havia se passado, e, provavelmente, não teria gostado da atitude dos brasileiros. Por isso, não havia dormido à noite.

Acreditava, mesmo, que o Coronel Moraes e o Loncan não tinham feito aquilo levianamente, duvidando da fé de ofício dos argentinos. Mas ao mesmo tempo, achava que tinham cometido uma “gafe” tão grande, que dificilmente o argentino esqueceria.

Às 10:00 horas chegaram o Loncan e o Coronel Moraes. Logo depois o Sr. Alfonsin. Estávamos numa estação auxiliar, entre os marcos terciários II e III, próximos a um barraco, quase em cima da linha divisória.

O barraco pertencia ao nosso fornecedor de pão, e havia um movimento de pessoas, parecendo até uma casa comercial. No entanto, ao olhar seu interior, vi um casebre tão pequeno, que nem divisões tinha. Era uma sala com tudo misturado: cama, fogão, roupas e panelas. Uma pobreza desconcertante!

Uma menininha segurava um saco de pano, com alguma coisa dentro. Perguntei-lhe o que era, e ela me respondeu: “São dois quilos de arroz que vou levando para a minha mãe. Vai me tomar?” Respondi-lhe: “Não, minha filha, para que quero o seu arroz”? Com certeza, pensou que eu fosse da Mesa de Rendas.

Pouco depois passou por nós o Alferez argentino, José Luis Ferreira, Chefe da Gendarmeria de Bernardo de Irigoyen. Parou e conversamos muito sobre o movimento da fronteira e contrabandos. Seguiu viagem e levou consigo D. Alfonsin.

Quarta-feira – 20/11/1974 – Dionísio Cerqueira. Tempo instável. Parecia que ia chover. Mesmo assim, às 06:00h estávamos a postos no campo, continuando o nivelamento.

Estacionamos no marco terciário nº II e trabalhamos até às 9 horas, quando sobreveio-nos um temporal, com relâmpagos, muito barulho e muita água!

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Embarquei no transporte dos argentinos e eles tentaram me levar ao acampamento. Mas atolaram na passagem da “barreira”, já chegando à Bernardo de Irigoyen. Naquele momento passou a nossa camionete C-14, e eu aproveitei a oportunidade. Deixei os colegas argentinos à espera de socorro. Poderia ter ficado em companhia deles, mas eles mesmos fizeram questão que eu aproveitasse a passagem da C-14.

Não pudemos mais voltar ao campo. Choveu todo o resto do dia, e fez frio.

Mudou-se para o nosso “hotel”, com a respectiva madame, o Engenheiro Loncan. Assim teríamos mais amigos para trocar idéias.

Eu e Cecílio estávamos achando nossa comida um pouco fraca. Não compravam ovos, e não mudavam o habitual prato: carne picadinha com caldo, ou bife bem fininho, de chapa. Era sempre a mesma coisa.

Da minha diária eram descontados Cr\$ 88,00, a título de comida e dormida. A comida não era lá essas coisas. Era razoável. A dormida, por ser dada pelo Estado, não deveria ser cobrada.

O Loncan e sua senhora estavam pagando ao Hotel Iguaçu, por um apartamento e alimentação completa, inclusive o café da manhã, a quantia de Cr\$ 90,00. Duas pessoas num apartamento. E a comida bem superior àquela que a Comissão fornecia. O próprio Cecílio havia reclamado várias vezes.

Um dos moradores da fronteira havia feito um pilão que eu tinha encomendado no ano anterior. E o Cecílio logo disse que

pretendia comer “paçoca” pisada em pilão. Muita gente não conhecia a gostosura de uma paçoca saboreada com bananas!

Quinta-feira – 21/11/1974 – Manhã fria, com cerração baixa e impenetrável. Muita lama e ameaça de chuva.

Não fomos ao campo trabalhar no período da manhã. Esperávamos que o tempo melhorasse à tarde.

Às 14:00h, eu, o Loncan e o Coronel Moraes fomos para o campo. Já estavam a postos os argentinos, com a estação no marco terciário II. Trabalhamos até às 18:15 horas.

Sexta-feira – 22/11/1974 – Manhã fria e limpa. Às 05:50h já havia encontrado os colegas argentinos com o nivelamento à prancheta.

No dia anterior, o Capitão Cecílio havia me falado que, próximo ao marco secundário nº 1, alguns moradores da redondeza haviam perguntado por mim.

Isso muito me alegrava intimamente, e me envaidecia. Uma alegria saudável, pois sabia tratar muito bem o meu próximo, a ponto de lembrar-se de mim. Me sentia honrado e feliz com aquele gesto espontâneo, de gente tão humilde e boa.

Me veio à lembrança os venezuelanos. Depois de minha ausência daquela fronteira por mais de 18 anos, não haviam esquecido de mim, e me deram a honra de uma condecoração: uma medalha de ouro de seu inesquecível emancipador, Francisco Miranda, que recebi em solenidade promovida pelo Senhor

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Ministro Arthur Gouvêa Portella, no Salão Vermelho do Itamaraty, das mãos do Excelentíssimo Senhor General Ernesto Bandeira Coelho, Chefe da Primeira Divisão, solenidade que contou com a presença de minha esposa, de funcionários da Casa e de demais convidados.

Foi um momento inesquecível, que calava profundamente o coração de qualquer pessoa. A emoção de ter sido lembrado por outros, e, ainda por cima, estrangeiros.

Passou por nós uma mulher com 3 crianças, em direção a uma árvore de “guaviroba”, para tomar seu “café de frutas”.

A guavirobeira é uma árvore de porte regular, carregada de frutas vermelhas, quando estão maduras. Existe, também, a de cor amarela. Uma frutinha silvestre, doce e gostosa. Parecia uma goiaba pequena. No entanto, o pessoal da região, para fazer suas roças, derrubavam aquelas árvores com a mesma naturalidade inconsciente com que derrubavam o mato imprestável.

Paramos o serviço às 11:00 horas e recomeçamos depois do almoço.

Às 16:00 horas tivemos a visita do Loncan, do Coronel Moraes e do Pedro Arlindo, funcionário da administração. Estavam regressando de Santo Antônio, onde tinham ido ao Banco do Brasil.

De repente, enquanto trabalhávamos, tivemos uma nuvem de formigas com asas, que pareciam abelhas. O Sr. Bassoli queria se esconder no mato, pensando se tratar de abelhas africanas.

Paramos às 18:00h. Fui para o acampamento argentino esperar a passagem da C-14, e fiquei a conversar com o Sr. Alfonsin, até às 19:00h.

O Capitão Cecílio reclamou que os “visitantes”, Coronel Moraes e Loncan, não faziam visitas ao seu trabalho. No entanto, iam duas vezes por dia ver o nosso. Respondi-lhe: “Pudera, você está trabalhando em cima da serra, em zona de difícil acesso”.

Sábado – 23/11/1974 – Dionísio Cerqueira. Manhã fria e com sol. Às 5:30h já estávamos perto do marco terciário nº VII. Às 6:00h líamos as primeiras estações. Um vento frio nos castigou durante toda manhã.

O Cecílio achava ruim o trabalho em cima da serra. Dizia que se sentia cansado de tanto subir e descer. O representante argentino, Ochoaispuro, também estava achando dura aquela parada! Falou-nos que gostaria de subir a serra somente uma vez por dia.

O Cecílio foi contratado de última hora para fazer o trabalho de campo (topografia), por Cr\$ 6.000,00 mensais, com direito a transporte, alimentação, pousada, roupa de campanha (2 calças Lee compradas lá na fronteira e duas camisas) e uma “combat-boot”.

Ao lado dos marcos terciários números VII e VIII, do lado do Brasil, havia uma cabeceira (ou nascente) que os demarcadores de 1903 diziam, em seu relatório, se tratar de uma lagoa. No entanto, com a penetração do homem e o desmatamento constante na feitura de suas roças, havia deixado de ser uma lagoa e se

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

transformado num banhado, com algumas “saracuras” a cantar de vez em quando, remanescentes dos bons tempos. Da lagoa só restavam o contorno e a depressão.

Ao regressarmos do serviço, às 11:30h, encontramos a camionete veraneio da Comissão parada à porta das lojas argentinas. O Cecílio comentou: “Não vai demorar muito a falarem que a Comissão está fazendo contrabando”. A senhora que estava lá não se cansava de perguntar preços nas casas comerciais. Passava horas cotejando preços, e a camionete parada, à sua disposição.

Domingo – 25/11/1974 – Manhã de sol, tempo firme. “Que hermosa mañana!”, murmurou o Bassoli. As saracuras cantavam no banhado, e havia “bem-te-vi” por todos os lados. Eram raros aqueles dias, naquela época do ano.

Só tínhamos dois mineiros. O terceiro havia se acidentado com uma moto-serra.

Às 09:00h o vento ficou mais violento. Paramos o serviço às 11:15h, porque a reverberação e o tal vento haviam se tornado insuportáveis.

Às 14:00h voltamos ao campo, mas pouco pudemos fazer, em virtude de um temporal. Fui obrigado a retornar no veículo argentino e ir diretamente para o acampamento deles, para aguardar a passagem da nossa camionete.

Sempre que íamos ao acampamento deles notávamos que o Sr. Alfonsin fazia de tudo para nos agradar. Era um “gentleman”.

Mandou fazer chá, servido bem quente. A chuva caía e os relâmpagos se sucediam.

De repente, o argentino que assistia o Cecílio no levantamento, chegou todo molhado e avisou-me que o Cecílio me esperava lá na porteira. Logo me veio ao pensamento a maldade e a desconsideração que o Cecílio estava praticando conosco. Mandou o argentino ao acampamento, debaixo de chuva, com o recado para que eu fosse onde ele estava me aguardando.

A caminho, todo molhado, me aborreci com o Cecílio, e quando cheguei na camionete disse-lhe umas verdades: “O seu procedimento foi de desconsideração ao nosso colega argentino e a mim, pois bem podia ter ido parar no portão do acampamento, para desembarcar o argentino e me embarcar!” Havia achado aquilo uma tremenda falta cometida contra nós dois. Eu não faria o mesmo com ele.

Alegou que a camionete não estava em condições. E eu respondi-lhe: “Se não estivesse em condições, você não teria feito a viagem de 14 quilômetros, regressando até aqui”! Falei duro ao meu amigo Cecílio, porque fiquei bastante zangado por ter feito aquilo conosco.

É que o meu amigo Cecílio não compreendia a delicadeza que se devia ter para com os estrangeiros, e também para com os colegas de trabalho. Seria bom que se acabasse de vez com aquilo.

Não sabia porque o Bassoli havia chamado o dia de “hermoso”. O vento violento e a chuva nos fizeram sair correndo do trabalho às 15:30 horas. Tivemos um dos maiores temporais da história.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

No extremo oeste do Paraná chovia muito naquela época do ano. As chuvas de lá se assemelhavam às do Amazonas. Chove dia e noite, sem parar.

No ano anterior, naquela mesma época, tínhamos tido grandes chuvas, com trovões e relâmpagos. O terreno havia ficado insuportável para viajar. Apesar de montanhoso e as águas descerem logo para os rios, haviam sempre trechos de lama e atoleiro. Contudo, com apenas um dia de sol, nem parecia ter chovido tanto, e a poeira já começava a se levantar.

Terça-feira – 26/11/1974 – Choveu durante toda a madrugada, com barulhentos trovões, e amanheceu chovendo. O calor logo virou frio. O vento vinha uivando. Tempo horroroso!

À noite faltou energia elétrica. A bomba d'água deixou de funcionar, e a água começou a ser racionada. A água estava sendo carregada em baldes.

Todo mundo de agasalho, porque a temperatura havia caído muito.

Quarta-feira – 27/11/1974 – Madrugada de chuva. Ao amanhecer, o tempo estava completamente fechado e a água continuava a cair. Às vezes parava um pouco, mas de repente rebumbava um trovão, e voltava a cair o aguaceiro.

Fez-me lembrar do inverno no Amazonas. Havia muita semelhança. Aquela umidade depois da chuva, e a lama vermelha que ficava nas estradas.

Às 13:00h a chuva continuava a cair, fina, porém constante. Completávamos o segundo dia de inatividade. O que nos valia era o fato de a execução dos trabalhos da Comissão de Limites ter sido estabelecida para trinta dias.

Quinta-feira – 28/11/1974 – Dionisio Cerqueira. Tempo instável, com uma garoa constante e ameaça de mais chuva. Assim mesmo, o Cecílio foi com o seu pessoal, às 5:45h, para o campo. Eu havia combinado com o Sr. Bassoli que começaríamos às 13:00 horas, caso não chovesse.

Iniciamos o trabalho às 13:00h. Havia pouco sol e ameaça de chuva. No mato, encontramos soldados argentinos, de baioneta calada. Havia mais soldados na estrada da fronteira. Não sabíamos o que estava acontecendo. Mas algo estava acontecendo.

Naquele dia, um dos trabalhadores, de nome Odílio, tinha ido almoçar em sua casa, e depois se largou, à pé, para o nosso “hotel”. Havia caminhado mais de 4 quilômetros para pedir um adiantamento (um vale). Chegou ao “hotel” cansado e esperou pelo pagador, Pedro Arlindo, por mais de meia hora, para ouvir que a Comissão não tinha dinheiro ali, somente no banco.

Queria que alguém tivesse visto, como eu vi, o semblante do trabalhador, esboçando agonia e tristeza. Alegou precisar comprar mantimentos para sua casa. Fiquei com pena do homem!

Como podia acontecer uma coisa assim? A Comissão não fazia coisa alguma para segurar o trabalhador no serviço. Pior seria se ele se zangasse e pedisse as contas. Com aquele procedimento,

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

nos distanciávamos, cada vez mais, do povo trabalhador de Dionísio Cerqueira.

No ano anterior, o Subchefe, Tenente Coronel O'Reilly, havia ficado devendo Cr\$ 600,00 por serviços prestados por um cidadão local, com sua moto-serra. Quando soube que a Comissão havia regressado, foi nos procurar para receber a quantia devida. O serviço havia sido contratado pelo Tenente Coronel O'Reilly por Cr\$ 1.100,00, mas este só pagou Cr\$ 500,00. Felizmente, a chefia da Comissão havia ordenado que se pagasse o restante.

Já havia alguns anos não via um gesto nobre ou humano daquela nossa Comissão, que me desse a satisfação de registrar neste relatório.

Lamentava profundamente ter que anotar ocorrências tão desagradáveis, não assistidas em outras fronteiras e com outros chefes.

A Comissão já não era mais diplomática. Até o tratamento para com os estrangeiros estava diferente.

Sexta-feira – 29/11/1974 – Manhã instável, com ameaça de mau tempo. Eu e os argentinos, às 5:45 horas, já estávamos no campo nivelando o aparelho. O Sr. Bassoli sempre se queixava de dores no estômago, e dizia ter vontade de regressar à sua casa, em Buenos Aires. Estava tendo muitas crises.

Era dia de pagamento de diárias de campo para todos nós, da Comissão. Para os trabalhadores locais, o pagamento só seria feito na segunda-feira. Não entendia o motivo.

Durante a derrubada do mato, fazendo picada, Alves, um mineiro, havia encontrado um caroço de pinhão, já com uns dez centímetros de tamanho. Lindo o brotinho de pinhão, quando está pequenino! Ainda não se tinha despregado do caroço. Um pezinho de pinhão mimoso. Coloquei-o numa latinha com terra, e dei-lhe de presente ao Sr. Bassoli, que o levaria para sua casa, em Buenos Aires.

Paramos o serviço às 18:30h. O tempo estava instável. Porém não choveu, e aproveitamos bem a tarde.

Sábado – 30/11/1974 – Barracão. O tempo amanheceu fechado e com todo jeito de que ia cair muita água. Começamos a trabalhar às 7:00h, sempre prevenidos, e aguardando, a qualquer momento, um aguaceiro.

Às 09:00 horas o tempo fechou. Desarmamos o aparelho e guardamos a prancheta. Fizemos aquilo às carreiras. No entanto, a chuva passou e nos deixou em paz. Voltamos a trabalhar.

O Sr. Bassoli disse que não havia passado bem na noite anterior, por conta de uma úlcera, e que qualquer coisa que comesse lhe provocava fortes crises.

O Capitão Cecílio e o representante argentino estavam trabalhando naquela tarde entre os marcos terciários números XVI e XVII, quando foram atacados por abelhas meliponídeas. Diziam eles serem abelhadas africanas, porque os acompanhavam, com ferroadas, até dentro da mata. Se meteram às carreiras dentro do mato, levando ferroadas dolorosas. O Cecílio perdeu os óculos e o argentino gritava, de medo e de dor. Quando regressaram, a

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

cara do argentino Ochoaispuro estava um bolão, toda inchada. O Cecílio, com as mão inchadas e caroços na cabeça.

Havia acontecido uma coisa que não pude deixar de rir. Um dos mineiros havia levado para o Bassoli uma borboleta, com cores variadas e bonitas. Ele, com a satisfação e a pressa de cuidar da borboleta, tropeçou com violência na estaca-testemunha da estação, e se agarrou, sem querer, no tripé da prancheta, tirando o aparelho do nivelamento. Ficou tão zangado que chegou a arrancar a estação, e iria atirá-la longe, caso eu não estivesse ali. A borboleta foi-se embora. Fui obrigado a rir na sua presença.

Logo depois, o Sr. Alfonsin apareceu, em visita de campo. No meio da conversa convidou-me para almoçar em seu acampamento, com a presença de sua senhora, Dra. Esperança, que havia chegado de Buenos Aires, de passagem para Corrientes.

A camionete C-14, tração nas 4 rodas, precisava ser levada à oficina de vez em quando. Sua tração dianteira não era de fábrica, mas arranjada em São Paulo, a mando do Major Prim. Eram três camionetes, e todas com defeito na tração dianteira. Dificilmente engrenavam nas horas precisas.

Encerramos o serviço de campo às 11:00h e os argentinos me apertaram a mão dizendo “hasta lunes”! Enquanto o Coronel Moraes falava em trabalhar no domingo, o argentino se despedia: “Hasta Lunes” (até segunda-feira).

Realmente conviria que se trabalhasse aos domingos, para compensar os dias chuvosos que havíamos perdido.

Trabalhar aos domingos e aos feriados, para nós, seria natural. Fomos para lá fazer um determinado serviço, e, por isso, além de nossos vencimentos, o governo nos dava outras vantagens para compensar o trabalho especial que estávamos fazendo.

Por quê trabalho especial? Porque não tínhamos hora nem dia pra fazê-lo, justamente para aproveitarmos as vantagens que o tempo seco nos dava e o ensejo do trabalho programado. Tudo era calculado antecipadamente em Comissão Mista e em Conferência, que se realizavam todos os anos, na Argentina e no Brasil. Trabalharíamos dia e noite, se preciso fosse.

Mas não podíamos exigir a mesma coisa de um trabalhador contratado, porque além de ganhar o valor do salário-mínimo da região, não tinha o costume de trabalhar aos domingos e feriados. A sua religião não permitia. A não ser que, com bons modos e promessas de alguma vantagem, se conseguisse induzi-lo àquilo.

Domingo – 01/12/1974 – Tempo instável. Ameaça de temporal. Às 11:30h fomos ao almoço oferecido pela Comissão argentina, em seu acampamento. Fomos bem recebidos pelos Tenente Adolfo Moreno, D. Alfonsin e senhora, e demais componentes da delegação argentina.

A cadela polar Diana também nos recebeu com o seu urro característico e demorado. Quem não a conhecesse, pensaria que ela estava zangada e iria morder. Parecia o uivo se um cão saudosos.

O almoço foi regado com aperitivos, e mais tarde com vinho tinto argentino, de boa qualidade. Do nosso lado da mesa sentávamos eu, o Loncan e sua senhora, o Coronel Moraes e o

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Cecílio. Do lado deles, D. Alfonsin e sua senhora (que viajariam no dia seguinte para Corrientes), o Tenente Moreno e o Tenente Juan Ochoaispuro. Terminamos de almoçar às 15:00h, quando regressamos ao nosso “hotel”.

Recordei-me que, felizmente, no dia anterior, sábado, haviam resolvido fazer o pagamento do pessoal local.

Ficamos novamente sem energia elétrica, o dia inteiro. E, também, sem água. O pessoal ia buscá-la em baldes, mas não chegava para todos. Causava-nos vexame aquela situação.

As ruas das cidades de Barracão e de Dionísio Cerqueira, estavam muito esburacadas, no preparo de valas para o encanamento d’água. Em certas ruas, onde havia muitas pedras, estavam usando dinamite para quebrá-las e facilitar a abertura do valão.

Por cima da dinamite colocavam “xaxim” para abrandar o tiro e evitar o levantamento de pedras. Mas, mesmo assim, os moradores reclamavam dos sustos que passavam de vez em quando.

Uma empresa de Bento Gonçalves – RS, estava encarregada de levar água às duas cidades. A água viria de um afluente do Rio Peperi-Guassu, distante alguns quilômetros da cidade.

O xaxim era levado de São Pedro – SC, em caminhões da empresa. Xaxim é uma espécie de palmeira mole, que dava mais nos banhados, beiras de rios e lugares úmidos, e sua casca constituída de fibra grossa e enleada, cheia de pêlos macios. Estava sendo usado para abafar os efeitos que a dinamite produzia quando explodia.

O chefe deles, um barbudinho de nome Norberto Lima, estava morando em nosso “hotel”.

Segunda-feira – 02/12/1974 – Choveu a noite toda. Ao amanhecer, ventava e fazia frio. Não fui para o campo, porque os argentinos também não iriam. Mas o Cecílio, inconformado, foi para o campo.

Às 11:00h fui à Prefeitura de Barracão, e obtive, com o prefeito Guareschi, uma planta da cidade. Queríamos saber o nome da estrada que ia de Santo Antônio a Medianeiras. Aquela estrada-chão era a BR-163, do lado brasileiro. Do lado argentino, e que ia também à Porto Iguazu, era a R. NAC. 101 (Ruta Nacional – 101).

Fiz uma cópia em papel vegetal. Não mostrava muito bem os marcos de fronteira. O Coronel Moraes havia desenhado um trecho da fronteira com o novo levantamento que estávamos fazendo. Resolvemos aplicá-lo na planta do sr. Guareschi.

Apesar do tempo que fazia, o Cecílio só regressou do campo às 19:55h. Não demoraria muito, os trabalhadores iriam começar a debandar. Eles não estavam acostumados àquele serviço, sem horário certo, entrando pela noite.

Terça-feira – 03/12/1974 – Dionísio Cerqueira. Manhã de sol, porém fria de doer. Às 5:45h já estávamos centrando a prancheta na estaca subterrânea nº VII, do levantamento da poligonal de precisão.

Estava quase me acostumando aos gritos do argentino Bassoli, que se agoniava com os seus 3 mineiros, que não tinham

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

prática de conduzir miras de nivelamento, e as colocavam detrás das árvores, onde o operador, por mais que se esforçasse, não as conseguia ver. Então o Sr. Bassoli agarrava o binóculo e os orientava, aos gritos: “Correte más para tu izquierda! Correte más para tu derecha!” “No!! Derecha! Derecha!” Era assim o dia todo. Quando ele dizia para a direita, o mineiro se punha à esquerda.

O nivelamento à prancheta era muito prático. Tinha a conveniência de se colocar os pontos necessários nos lugares mais convenientes. As curvas eram traçadas na hora, e a formação do terreno ia sendo vista logo, porque o desenho ficava pronto à medida em que se trabalhava.

Como ocorria sempre em trabalhos de prancheta, durante as operações no terreno, o processo era tido como conveniente para aplicação. Acompanhando aqueles trabalhos, pude ver que o operador argentino cumpria aquela tarefa de campo com absoluta segurança e aproveitamento exato dos pontos que melhor servissem aos resultados que se queria obter.

Lembro-me de uma vez em que o Bassoli colocou o “prismático” (binóculo) para olhar os mineiros. O que viu foi um enxame de insetos, que ele pensou ser abelhas africanas. Ia correr para se esconder.

Que risada nós demos do Bassoli! Era uma nuvem de formigas com asas. Formigas pretas, de tamanho regular.

Às 18:15h nos visitou um engenheiro argentino, que trabalhava nas construções na linha de fronteira, entre os marcos terciários números IV, V e VI, de frente para as ruas de Barracão,

e em alinhamento às mesmas. Em breve teríamos uma “Avenida Internacional”.

Quarta-feira – 04/12/1974 – Tempo instável e pouco sol. Às 05:40h já se liam a primeira mira do nivelamento. Às 7:30h o Coronel Moraes e o Loncan apareceram no campo, e prepararam a locação dos novos marcos para a reconstrução.

Entre os marcos VI e VII, a Prefeitura de Barracão havia loteado o terreno e vendido terras como se fossem brasileiras. Os espoliados reclamavam, exigindo a devolução do dinheiro ou outra terra equivalente.

A Prefeitura havia feito o loteamento baseando-se, como limite Brasil-Argentina, na reta de marco-a-marco, ou seja, a linha do marco VI para o VII. Mas erraram, porque o divisor fazia uma grande volta para dentro do Brasil. O que eles pensavam ser nosso, era dos vizinhos!

O operador Bassoli dava uns gritos mais fortes naquele dia. O motorista Tambornino era quem segurava o guarda-sol, para resguardar o instrumento da chuva, do vento e do sol. Rapaz novo, simpático e delicado. Não lhe era permitido sentar-se para descansar. Ficava todo o tempo em pé, segurando o pesado guarda-sol. Quando tentava se sentar um pouquinho, o Senhor Bassoli gritava: “Tambornino! Não vê que não pode se sentar!” Hombre nuevo e cansado! Pobre do Tambornino.

Fizemos um intervalo para o almoço às 11:45h, e o Sr. Bassoli queria me levar ao nosso “hotel”. Não aceitei porque os argentinos estavam morando numa casa em Bernardo de Irigoyen,

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

e não tinham cozinheiro. Eles mesmos tinham que preparar seu almoço. Não queria tomar-lhes tempo, e aceitei apenas que me levassem para o acampamento argentino. Vinte minutos depois o Coronel Moras passou por lá e me levou. Eram 12:20h.

Os niveladores argentinos pararam o serviço mais cedo, às 16:30h, e eu, que estava com o Loncan, fiquei apreciando o trator da Prefeitura de Barracão trabalhar na terraplanagem do local, marco terciário nº IV. Porém, quando começaram a locar aquele marco, notei a falta de representantes argentinos. A meu ver, eles deveriam estar presentes. Não sabia o porquê de a Comissão brasileira estar locando marcos sem a presença deles. Somente o Coronel Moraes, o Loncan e o Cecílio estavam trabalhando naquele mister.

O Sr. Alfonsin passou por lá rapidamente. Logo depois saiu e não voltou mais.

Não estava gostando daquilo! Acreditava que não se devia locar, construir ou reconstruir sem a presença deles.

Quinta-feira – 05/12/1974 – Barracão. Manhã instável, vento frio e temperatura de 16 graus centígrados. Às 6:30h estávamos no local de trabalho.

Sentia que alguma coisa estava pegando, entrando o serviço, que antes ia muito bem.

Nos últimos 3 dias, vinha notando que o operador Bassoli estava, como se dizia na gíria, “tapeando o tempo”.

Às 8 horas o Prefeito Guareschi passou por nós. Parou para bater um papo. Perguntou-me por quê o operador argentino

Bassoli fazia tanta leitura de mira do lado do Brasil. Respon-di-lhe que era devido à dificuldade de se fazer estações do nosso lado, em virtude das construções. Estavam dando muito trabalho, e ele nos ajudava.

Às 9:50h mudamos de estação, do marco V para o IV, e continuamos na tapeação, um ponto aqui, outro lá adiante.

Continuava achando que alguma coisa estava pegando. Talvez a falta de dados astronômicos, porque ainda não se tinha terminado os trabalhos de astronomia. Estavam precisando do azimute.

De qualquer maneira, sentia que alguma coisa estava errada. Os argentinos haviam ficado de fazer observações na noite anterior, mas não haviam feito observação alguma. Tampouco disseram algo a respeito.



Pilar de observações - Estação Astronômica. Ao lado, o Subchefe da turma brasileira, Coronel Moraes.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Continuamos construindo os nossos marcos sem a presença dos argentinos. Já havíamos construído três: o VII, o VI e um marco novo, intercalado entre o VI e o V (criação 1974). Até aquele momento não sabia como se chamaria.

O Bassoli estava um tanto nervoso. Notava-se pela maneira como descarregava sua pilha no motorista Tambornino, que segurava, sem descanso, o guarda-sol grande e pesado!

A estação estava a dez metros do marco da linha Wenceslau Braz, que assinalava o deslinde Paraná-Santa Catarina. Em uma das placas de bronze, estava escrito:

“1920 - LINHA WENCESLAU BRAZ - ESTE MARCO ASSIGNALA O EXTREMO OESTE DA LINHA DIVISÓRIA PARANÁ-SANTA CATARINA SOBRE A FRONTEIRA BRASIL-ARGENTINA, D’ELLE DISTANTE 19,4 METROS, COM O RUMO VERDADEIRO N. 21° 09’ 09,4" E.”

A placa havia sido confeccionada no Arsenal de Guerra, no Rio de Janeiro, em 1929.

Os trabalhos foram suspensos às 17:00h, e o Bassoli disse que tinha serviço de gabinete a fazer.

Naquele dia os argentinos haviam começado a construir a parte deles. Oito marcos terciários deveriam ser construídos: quatro para nós e quatro para eles. Fizeram o buraco para o alicerce dos marcos números I e II.

Entre o marco V e VI, dentro da cidade de Barracão, foi aberta uma avenida.

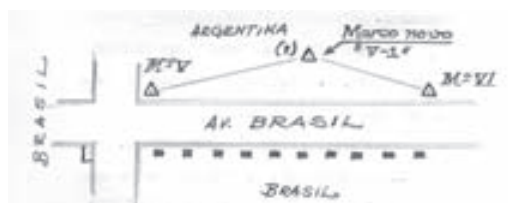
Sexta-feira – 06/12/1974 – Dia lindo e fresco. Às 06:00h já estávamos em ação.

Amanheci procurando por minha carteira de identidade do MRE, de nº 419, que havia desaparecido no dia anterior. Já havia andado mais de um quilômetro pela zona de trabalho, mas não a tinha encontrado. Quando voltei ao “hotel” para almoçar, a arrumadeira, D. Odir, disse que a havia encontrado sob um caixote. Que sorte! Eu já andava triste.

Os niveladores argentinos haviam parado o serviço às 09:00 horas, e avisaram que não voltariam à tarde.

Continuava sem saber o que estava havendo. Todos os levantamentos chegavam ao marco terciário I e paravam. Continuava achando que seria por falta de dados de astronomia (Azimute de partida), que ainda não havia saído ou não tinha sido calculado.

Do marco V para o VI, dentro da cidade, foi aberta uma picada, depois uma avenida feita pela Prefeitura de Barracão, que tomou o nome de Brasil, e encheu-se de casas.



Avenida feita pela Prefeitura de Barracão, que tomou o nome de Brasil

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

A linha de marco-a-marco tinha uma ligeira inflexão para o território argentino, feita pelo levantamento de 1903, mas a Prefeitura a considerava reta. Por isto, a Prefeitura de Bernardo de Irigoyen havia mandado preparar a área para construção de casas, no lado argentino. Em contrapartida, a Comissão Mista construiu um novo marco no ponto 1, e a linha da Avenida Brasil, que era reta, passou a entrar no país vizinho, para surpresa de todos e desapontamento de alguns.

Os habitantes daquele pedaço de chão paranaense se dedicavam quase que exclusivamente à criação de porcos, em geral de raça grande, que chegavam a pesar mais de 300 quilos. Plantavam milho para o sustento dos porcos, que eram criados em chiqueiros construídos acima do nível do chão.

Havia a raça “Durock”, vermelha e grande; a “Landrat”, outro porcão avantajado; a “Faixa Branca”, também grande, com uma faixa branca no lombo; a “Caruncho”, um porco preto e pelado.

Quando se passava por aquelas casas de criação, à margem da estrada, de longe já se podia sentir o cheiro característico do animal. Era um cheiro enjoado, ativo e constante. Acompanhava a gente.

Como sempre, usando da minha verve, serena e aproveitável, passei a chamá-los de “cheirosinhos”. Parecia que o nome havia pegado, porque só se ouvia falar em cheirosinho. Carne de cheirosinho e murcilha de cheirosinho (chouriço preparado com o sangue, e que trazia o perfeito cheiro do “cheirosinho”).

Sábado – 07/12/1974 – Dia limpo, frio pela manhã e com muito vento. Pediram-me para entregar ao operador argentino, Bassoli, as coordenadas provisórias da partida (ponto O) do

levantamento que se estava fazendo. Primeiro trabalho que via ser feito do fim para o começo. Engraçado.

Os trabalhos astronômicos, a cargo dos argentinos, tinham ficado prontos. Os trabalhos de levantamento da poligonal e o nivelamento continuaram naquele dia. O restinho que faltava era a chegada à origem – Estaca zero, marco principal da Cabeceira do Peperi-Guassu.

Nosso bom companheiro Loncan havia viajado para Foz do Iguaçu, para acompanhar sua senhora.

Às 11:40h foram retiradas as formas dos marcos números VII, VI, V-1, IV e III. Naquele dia mesmo seriam “chapiscados”, e no dia seguinte começariam a ser rebocados e preparados. O Coronel Moraes havia feito bem o serviço de construção.

O Cecílio chegou ao marco terciário nº XXV para a colocação de pinos de metal no centro de cada marco, para depois derrubarmos, construirmos de novo e colocarmos um novo pino.

Chegamos ao nosso “hotel” às 19:00h.

Domingo – 08/12/1974 – Dia limpo e de sol, porém com vento forte. A temperatura se manteve regular. Pela primeira vez, desde minha chegada, havia levantado sem camisa. Fui lavar o rosto.

Por ser domingo, fomos para o campo mais tarde, às 7:00h.

A Comissão havia contratado pedreiros para a construção dos nossos marcos. Pela primeira vez, nós mesmos, da Comissão,

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

não construiríamos os marcos de fronteira. Seriam feitos por pedreiros de Dionísio Cerqueira. Em geral, nós os construíamos, usando nossa prática e experiência adquiridas em outras fronteiras.



Auxiliar Técnico Ramos e o Marco Terciário N° VII, reconstruído

Às 14:15h o Coronel Moraes foi almoçar e eu fiquei abrindo letras nos marcos: “Brasil-Argentina - VI – 1974”. Acabei não almoçando.

Os marcos construídos próximos à cidade não podiam ser deixados só depois de erguidos, porque a população os inutilizam na hora. Tínhamos que vigiá-los até o momento em que ficassem mais ou menos secos.

Terminamos de revestir o marco IV às 19:45h, com a luz do crepúsculo diminuindo progressivamente.

Pela manhã, ao buscarmos os pedreiros, notei que não haviam incluído a peneira no material que seria levado para o campo. Ao reclamar, um deles respondeu: “Aqui não se usa peneirar a areia”. E eu quase lhe respondi, que era por isso que aquelas construções eram tão grotescas!

A areia deveria ser peneirada, principalmente para o revestimento, para uniformizá-la e tirar a sujeira e os detritos. Ou então não se poderia usá-la nos marcos.

Aquela gente pensava que fazer marcos era muito fácil, e se fazia de qualquer maneira! Todas as vezes que os faziam, era preciso orientá-los em certos detalhes que desconheciam.

Segunda-feira – 09/12/1974 – Dia fumarento e feio, indicando chuva e mau tempo. Sol fraco e sem influência direta. Temperatura boa.

Às 5:55h, eu e os operadores argentinos nos encontramos no Marco Principal das Cabeceiras do Rio Peperi-Guassu, última estação do nivelamento daquele ano.

D. Alfonsin aproximou-se, e em conversa comigo e com o Coronel Moraes, queixou-se não ter quem pudesse gravar as letras nos marcos. Ofereci-me e ele aceitou. Na mesma hora deixei o nivelamento e fui abrir as letras nos marcos que eles estavam construindo. Fiz uma parada às 15:00h.

Fui olhar a situação dos marcos terciários construídos nos pontos da poligonal de 1903. Entre os marcos I e II havia sido construído um novo marco, que passou a se chamar “I-1”. Entre o

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

marco II e III foi construído um outro, o “II-1”. Entre os marcos V e VI havia sido construído o “V-1”.

Não sabia bem o motivo de o marco novo I-1 se encontrar na Argentina, e o II-1 no Brasil. Explico:

1º - A poligonal de exploração de 1903, com seus pontos característicos dentro do Brasil e dentro da Argentina, não podia ser tomada como diretiva para construções de marcos novos, porque ficava sempre o mais próximo possível do divisor. No entanto, isto não significava que tivesse seus pontos tão próximos da linha de cumeada, que pudessem ser aproveitados para as novas construções dos marcos no divisor.

2º - A reconstituição da referida poligonal foi tentada por várias vezes, sem êxito, pelo topógrafo Capitão Cecílio, de maneira que qualquer locação de pontos visando a realidade daquela poligonal não seria confirmativa. Todos os pontos tentados haviam caído fora do divisor. Mas a Reunião Plenária da Comissão Mista, em Buenos Aires, assim deixou previsto. Não tinham idéia do quanto ficava feio um marco construído fora do divisor, em pleno ano de 1974, saltando à vista de quem passasse por ali, fosse grego ou troiano.

3º - Poderia se dar a desculpa do movimento de terras pelos colonos. Mas nem mesmo isso poderia ser alegado como motivo, porque o terreno naquele local não havia sido mexido.

4º - Considerando-se que naquele divisor seco, da Cabeceira do Peperi-Guassu à Cabeceira do Santo Antônio, quase todos os marcos terciários não estavam no divisor (linha de cumeada), e ao mesmo tempo não poderiam ser removidos de seus lugares, seria

interessante, para os dois países, que fossem colocados marcos no ponto do divisor verdadeiro, na linha de cumeada, desprezando-se os pontos da poligonal passada, difíceis de se reconstituir no terreno, sob pena de a Comissão Mista incorrer em erros gritantes e feios como aquele do marco terciário II-1, construído do lado do Brasil, à revelia dos conhecimentos e da técnica moderna!



Croquis feito no campo, à vista do terreno, mostrando, mais ou menos, a situação dos marcos recém-construídos.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Se a Comissão Mista insistisse em seguir colocando marcos nos “supostos” pontos da Poligonal anterior, haveriam muitos marcos dentro da Argentina e muitos dentro do Brasil.

E o divisor? Para que se está fazendo um nivelamento de precisão?

Em conversa com o Delegado argentino, Sr. Alfonsin, disse-me que aquilo não era do seu agrado, mas que assim havia sido resolvido na Reunião Plenária.

Na Conferência (Reunião Plenária) de 12/9/1974, havia notado, e até registrado em minhas anotações, que o Coronel Chefe, o Coronel Subchefe e o Assessor, Francisco Loncan, não tinham conhecimento físico daquela fronteira seca.

Seria necessário mudar logo o critério daquela demarcação, sob pena de se ter mais marcos fora do divisor-fronteira.

No entanto, como todos na Comissão eram professores, desde o Coronel Engel ao Engenheiro Francisco Loncan, não adiantava sugerir coisa alguma, porque “entre professores dificilmente se chegava a um acordo”, dizia o finado Coronel Themístocles Paes de Souza Brazil.

A realidade, infelizmente, era que aquela gente que pretendia solucionar limites, alinhando dados superficiais de assessores teóricos, deveria ser afastada de suas poltronas. No papel tudo dava certinho, mas a prática mostrava outra realidade.

Naquele dia trabalhamos até tarde para aproveitar o dia, pois havia muitas nuvens de chuva em formação.

Às 18:00h terminei os letreiros dos marcos de D. Alfonsin.

Terça-feira – 10/12/1974 – Manhã limpa e de sol. Temperatura boa. Pouco vento em cima da serra.

Os argentinos concluíram o Pilar Astronômico, colocando o RN de bronze no lado sudeste da pilastra.

Saí para o almoço às 11:15h, e os argentinos continuaram agarrados à prancheta.

À tarde, o Coronel Moraes perguntou se eu sabia desenhar com tinta (ele sabia que eu era desenhista técnico). Respondi-lhe que não. Mas mesmo assim, colocou o desenho de um trecho da fronteira em minhas mãos.

Às 10:00h daquela manhã, quando me dirigia para o Pilar Astronômico, encontrei um senhor idoso. Apresentou-se como Basílio da Silva Lima, dono do terreno, o qual, segundo ele, estaria em território da Argentina. Disse que havia comprado o terreno no ano anterior, um alqueire e meio de terras, de um sargento da Polícia, por 20 mil cruzeiros. Depois foram-lhe dizer que o terreno estava quase todo dentro da Argentina.

Perguntei-lhe quem havia feito o loteamento. Respondeu-me que havia sido a Prefeitura de Barracão.

Diante disso, sugeri que falasse com o Prefeito de Barracão,

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

para reclamar-lhe seus direitos e pedir a indenização devida. O sargento que havia negociado com ele, Basílio, não poderia ter-lhe concedido vantagem alguma, porque, provavelmente, deveria ter passado pelo mesmo vexame.

Naquela tarde não compareci aos trabalhos de nivelamento, nem falei com o Sr. Bassoli sobre a nova leitura dos marcos reconstruídos.

O tempo continuou instável, porém sem chuva e sem vento.

Quarta-feira – 11/12/1974 – Manhã de sol e névoa seca. Loncan e sua senhora haviam saído cedo, na camionete C-14, com destino a Francisco Beltrão, distante cem quilômetros. Ao Loncan coube a missão de tirar cópias “xerox” de nossas cadernetas de campo, para entregá-las aos argentinos.

O Pedrinho estava querendo passar por Foz do Iguaçu, para comprar alguma coisa no Paraguai. Eu também gostaria de comprar uísque escocês. Mas a nossa veraneio preta estava tão manjada, que eu desisti de ir.



Da esquerda para a direita - Auxiliar Técnico José Ramos Santiago e o Topógrafo Capitão Cecílio Ril Wzykowski.

A esposa do funcionário da Comissão passava horas com a camionete no comércio argentino, olhando as novidades. O pessoal da Receita Federal não dizia nada, mas devia comentar, entre eles, coisas desagradáveis.

Deveria haver uma proibição de levar familiares para a zona de trabalho na fronteira, pois atrapalhava muito os serviços da Comissão.

Antigamente os familiares não acompanhavam os trabalhos demarcatórios, porque era difícil o acesso aos pontos da fronteira. Porém as coisas haviam mudado muito, e a facilidade de transporte concorreria para que aquilo acontecesse.

Achava que seria necessário reorganizar a Comissão de Limites, para se poder trabalhar e produzir em benefício do país. Estava havendo uma disparidade e uma dissipação como nunca tinha visto nas fronteiras em que havia trabalhado. Colocavam-nos em uma casa confortável (hotel), longe do serviço (mais de 10 quilômetros). A despesa com combustível triplicava, e o trabalho era desvirtuado para dar conforto aos demarcadores, principalmente aos que já entravam como “Subchefes”, para ficarem no acampamento-hotel, e, de vez em quando, irem nos visitar no campo. Como os tempos haviam mudado!

Quinta-feira – 12/12/1974 – Muitas nuvens e ameaça de chuva. Temperatura amena. No dia anterior havia chovido à tarde e à noite. Tive notícias que em São Miguel de Oeste havia caído pedras de gelo.

O Coronel Moraes falou que achava os argentinos meio lerdos, e, por isso, estava apressando o serviço.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Já o Pedro Arlindo, falou que a cozinheira, Dra. Loici, havia se queixado da senhora do funcionário, que teria ido à cozinha reclamar da comida, dizendo que não estava boa.

Pelo motorista Miguel, soube que os argentinos seriam convidados para almoçar conosco no dia seguinte, e que às 20:00h o Loncan e o Coronel Moraes iriam ao acampamento argentino. Com certeza para convidá-los.

Mais cedo, às 15:00h, o Loncan e o Moraes haviam saído para comprar bebidas brasileiras para ofertar à Delegação argentina. Isso era comum em todas as campanhas. Eles nos presenteavam com novidades argentinas, e nós com novidades brasileiras. Já era costume. Na hora da assinatura da Ata de Encerramento, ou melhor, na hora da despedida, trocavam-se os presentes. Às vezes com bebidas e salgadinhos.

Os argentinos já tinham os presentes preparados. Eu os havia visto quando passei pelo acampamento deles um pouco mais cedo.

No “hotel” onde estávamos acampados, havia uma família com um casal de crianças, que eram a nossa alegria. Alex (3 anos) e Célia (2 anos). A Célia era uma bonequinha travessa, de cabelos cor de milho. O Alex era um menininho mimoso, que fazia graça à toda hora. Costumava dar bombons e bananas a eles.

Quanto dava bananas, perguntava ao Alex: “Como está o meu cartaz”? E ele me respondia, apontando o dedinho polegar para cima. Quando nada dava, era o inverso. Apontava o dedinho para baixo e dizia: “Tá baixo”! O Capitão Cecílio o havia ensinado

a responder à seguinte pergunta, na minha frente: “O que o seu Ramos tem”? E ele respondia, na bucha: “Só papo”!

O Coronel Moraes e o Loncan haviam voltado tarde da noite do acampamento argentino. Com certeza tinham ido acertar os pontos do texto da Ata de Encerramento dos Trabalhos.

Não me deixaram continuar a acompanhar os trabalhos com os argentinos, ao final do nivelamento. Acabei perdendo o contato com eles.

Sexta-feira – 13/12/1974 – Tempo instável. O dia amanheceu com uma densa cerração, e sem sol. A temperatura, em nosso termômetro, era de 20°.

Em tempos idos, em Ponta Porã – MT, o 2° Tenente do Exército, Engenheiro Rafael Bandeira Teixeira, costumava dizer em campanha: “Cerração baixa, sol que racha”! Mas naquelas bandas era diferente. Às vezes chovia muito, com cerração baixa.

Às 11:30 horas, eu, o Coronel Moraes, o Loncan e o Cecílio saímos para o acampamento argentino. A senhora do Loncan também nos acompanhou. Lá chegando, nos serviram aperitivos com salgadinhos. Em seguida levamos os argentinos para o Brasil, para almoçar na churrascaria Líder.

Éramos eu, D. Alfonsin, D. Bassoli, D. Pascual, D. Ochoaispuro, Coronel Moraes e senhora, e o Sr. Loncan. Vinho, alegria e boa conversa. Começamos a almoçar às 12:30h, e terminamos às 15:00h, quando nos despedimos.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

No sábado iríamos à Eldorado, cidade argentina a 140 quilômetros da fronteira. Estrada asfaltada. Havia sido convidado pelo Sr. Alfonsin para fazer parte da comitiva. O motivo da viagem era tirar cópias do nivelamento “à prancheta”, para a Comissão brasileira.

Sábado – 14/12/1974 – Às 06:15h a camionete da Comissão argentina, com o Senhor Ochoaispura, havia chegado para nos levar à Eldorado. Voltamos ao acampamento argentino, para pegar o Sr. Alfonsin. Saímos de Bernardo de Irigoyen (antigo Barracón) às 06:40h, e chegamos em Eldorado às 09:00h.

A estrada estava toda asfaltada, e uma riqueza de mata nos circundava durante todo trajeto. O Sr. Alfonsin foi direto à Gendarmeria falar com o Comandante Garrai, a quem nos apresentou. Lá conseguiu que tirassem duas fotos pequenas da prancheta. Não havia possibilidade, como se esperava, de se fotografar em seu tamanho natural.

A senhora do Loncan e eu fomos ao comércio olhar o movimento. Nada pudemos comprar, porque só aceitavam pesos argentinos. Mas achamos a cidade muito bonitinha e movimentada.

Saímos de Eldorado às 13:30h, e às 15:00h já estávamos de volta em Bernardo de Irigoyen. Viagem muito boa. Apreciei a reserva de mata que existia naquele trecho da Argentina.

Marcamos um encontro à tarde na Prefeitura de Barracão, para a assinatura da Ata. O Loncan e senhora deveriam viajar para Curitiba, de ônibus, às 20h, e já estavam preparados.

Às 16:00h corremos para a Prefeitura de Barracão. Lá estava o Prefeito Guareschi nos esperando. Apesar de ser sábado e de não haver expediente na Prefeitura, o pessoal estava lá para cooperar conosco. Ficaram até às 19:55 horas, quando terminamos. Saímos correndo com destino à Rodoviária, para levar o Loncan. Os argentinos nos acompanharam e nos despedimos na rodoviária.

Às 21:15 h chegamos ao nosso “hotel” para jantar.

Eu, o Coronel Moraes e o Pedrinho fomos dormir às 23:30h. Tínhamos que nos levantar às 04:00h da manhã, para termos tempo de carregar a veraneio e partir com destino à Foz do Iguaçu, pois o Coronel Moraes havia resolvido tomar um avião lá.

Domingo – 16/12/1974 – Às 06:00h, depois de termos carregado a camionete veraneio com o material da Comissão e com nossas bagagens, deixamos o nosso “hotel” e Dionísio Cerqueira. Passamos a viajar pela BR-163, com destino a Foz do Iguaçu, via Medianeiras.

Às 10:30h atravessamos, de balsa, o Rio Iguaçu-Porto Lupon, e às 12:30h chegamos à cidade de Foz do Iguaçu. O Coronel Moraes foi direto à agência da Varig comprar sua passagem, para as 16:30h, de regresso ao Rio de Janeiro, via São Paulo.

Depois do almoço fomos às Cataratas para matar o tempo. O aeroporto ficava justamente na estrada para as Cataratas, e estávamos perto. Ficamos por lá uns 40 minutos, e depois nos dirigimos ao aeroporto para deixar o Coronel Moraes.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

De lá partimos para Céu Azul, onde chegamos ao escurecer. Pernoitamos num pequeno hotel na estrada.

Segunda-feira – 17/12/1974 – Tempo instável e com ameaça de temporal. Às 4:45h da manhã começamos a viajar.

A camionete estava super carregada. A mesma coisa aconteceu quando viajamos do Rio de Janeiro para Barracão. Tínhamos que viajar a pouca velocidade, para evitar derrapagem, ou que se furassem os pneus. Assim mesmo, um deles furou e ficou inutilizado. Isto havia acontecido entre Predentópolis e Colégio. Perdemos uma hora para colocarmos o sobressalente, devido à desarrumação que se fez para retirar e repor a carga.

Continuamos a viajar devagarinho, para evitar que algo acontecesse, e pudéssemos chegar bem à Ponta Grossa. Ao lá chegarmos, eram 12 horas e tivemos que esperar que abrissem a loja, às 13 horas. Aproveitamos para almoçar e descansar um pouco. Depois compramos câmara e pneus novos.

Voltamos a viajar normalmente às 13:55h. Viajamos toda a tarde e entramos pela noite. Chegamos em São Paulo, na casa do Pedro Arlindo, às 22:45h. Então, a convite dele, pernoitei em sua casa.

Terça-feira - 18/12/1974 – Tempo regular, com um pouco de chuva à tarde. Começamos a viajar às 09:00h, e chegamos à Cidade Maravilhosa debaixo de um grande temporal.

Fazia gosto viajar em um carro da Chevrolet, pois nunca dava alterações. Aquela camionete veraneio estava completando

oito anos de serviços ininterruptos à Comissão. Inúmeras viagens ao Rio Grande do Sul, e outras tantas ao Mato Grosso. Mas ali estava, funcionando perfeitamente. Somente seus pneus precisavam ser trocados.



Homenagem/Dr. Valério Caldas de Magalhães - Deputado Federal

Existem setores de atividade de alto cunho patriótico, desconhecidos da coletividade, em face de se processarem exclusivos da área de propaganda, comuns nos grandes centros.

Para quantos conheçam os trabalhos afetos às Comissões Demarcadoras, já centenários e de resultados positivos na fixação dos “debruns” de nossa Pátria, frente aos países amigos dos Extremos Norte, Oeste e Sul. Fácil é a dedução do mérito e da abnegação dos componentes dessas partidas de pioneiros e

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

desbravadores. O meio hostil em que operam, esquecidos do conforto do lar, das distrações dos grandes centros, todos os anos, meses e meses a fio, entregues a faina patriótica e dignificante de legarem aos brasileiros do porvir a Pátria engrandecida, certos e perfeitamente definidos a imensa orla de aproximadamente 16.500 quilômetros - da Foz do Oiapoque ao Arroio Chuí.

No trabalho a que se dedicam, subindo rios encachoeirados, atravessando florestas e alçando montes e montanhas, aqui e ali, acampados em zonas doentias ou infestadas de índios agressivos, não raro ficam alguns desses anônimos brasileiros, como se marcos fossem, balizando a fronteira, tombados no cumprimento do dever.

Há os que conseguem, após dezenas de anos de luta, morrer em casa, no lar, velhos e alquebrados pelas canseiras dos trabalhos demarcatórios, que só se afastam ao peso dos anos, ou dos efeitos maléficos do paludismo ou das avitaminoses.

A Pátria desconhece essa classe de brasileiros. E também desconhece o quanto de nobre, de estóico e de bravura, há nos que integram as Comissões de Limites.

As fronteiras, a rigor, ainda não estão totalmente demarcadas, e no que tange a caracterização, existem serviços para centenas de anos. Houve quem afirmasse que “os limites do Brasil são ilimitados”.

Para os que conhecem de perto o assunto, a afirmativa encontra justificativa na natureza dos trabalhos que se processam em Comissões Mistas, organizadas em função de Convênios bilaterais.

A longa extensão por demarcar e caracterizar, atravessando regiões de difícil acesso e somente atingidos em certa época do ano, recomenda cuidados especiais no preparo das expedições.

A determinação de posições astronômicas para a indispensável amarração da poligonal, ou das geodésicas.

Deveríamos, portanto, assegurar ao pessoal civil dessas partidas demarcadoras, posição justa no seio dos que trabalham em prol da boa política exterior de nosso País, no Ministério das Relações Exteriores”.

(Discurso proferido a 25 de agosto de 1959, na Sala das Sessões da Câmara dos Deputados, pelo Representante do Território de Rio Branco, Deputado Valério Caldas de Magalhães).

DEMARCAÇÃO DE LIMITES
CABECEIRAS DOS RIOS PEPERI-GUASSU
E SANTO ANTÔNIO

CAMPANHA DE 1975

DEMARCAÇÃO DE LIMITES
CABECEIRAS DOS RIOS PEPERI-GUASSU
E SANTO ANTÔNIO

CAMPANHA DE 1975

Segunda-feira – 11/08/1975 – Chegada da delegação argentina ao Rio de Janeiro, para a realização da 5º Conferência (Reunião Plenária), em Comissão Mista.

Terça-feira – 12/08/1975 – Às 09:00 horas reuniram-se as duas delegações, no Salão do Itamaraty, com a honrosa presença do Chefe do ERERIO (Escritório Regional do Ministério das Relações Exteriores no Rio de Janeiro), e ex-Chefe do serviço de Demarcação de Fronteiras, Ministro Arthur Gouvea Portella.

A Delegação argentina era constituída pelos senhores:

General de Brigada D. Gonzalo Gomes, Chefe;

Coronel Aurélio Aristóbulo Luchetti;

Coronel Emílio Carlo Maria Casares;

Geodesta Luis Ramón Alfonsin;

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Topógrafo Victor Axel Farina; e

Secretário Nicolas Ramón Alfonsín.

A Delegação brasileira pelos senhores:

Coronel Juvenel Milton Engel, Chefe;

Coronel Rubens Onofre de Azevedo Moraes;

Astrônomo Francisco Loncan; e

Agrimensor José Ramos Santiago.

Às 16 horas, ao iniciar a solenidade, o Ministro Arthur Gouvea Portella congratulou as delegações, e desejou pleno entendimento nos planos intelectual e econômico, e um trabalho integrado e constante, para fortalecer, ainda mais, os vínculos amistosos que existiam entre os dois países.

Em seguida, passou a palavra ao General Gonzalo Gomes, Chefe das Comissões Internacionais Demarcadoras de Limites Argentinos. Disse que se sentia grato à sua delegação por estar no Brasil, no interesse do governo argentino, trabalhando ao lado da delegação brasileira, e que considerava toda a demarcação de fronteira um dever do Estado. A demarcação deveria ser realizada de forma precisa, de tal modo que, no futuro, nenhum dos países viesse a ter problemas ou incidentes.

Dando seguimento à cerimônia, o Coronel Juvenel Milton Engel, Chefe da Segunda Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, falou

sobre a satisfação da delegação brasileira em receber a delegação argentina demarcadora de limites, chefiada pelo ilustre General D. Gonzalo Gomez, e congratulou os integrantes de sua delegação. Falou muito cordialmente sobre o vínculo amistoso que unia os dois países, ao longo daquele trabalho que estava sendo realizado em campanhas sucessivas, para que ambos pudessem exercer sua total soberania em seus territórios.

Ao final da solenidade de abertura da Conferência, registrou-se a presença do Conselheiro Antônio Conceição, então Chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras do Ministério das Relações Exteriores, que havia viajado de Brasília especialmente para participar daquela Conferência.

À direita da mesa sentaram-se os seis representantes argentinos, e, do outro lado, com a chegada do Major Prim Duarte de Moraes, os seis representantes da delegação brasileira. Sobre a mesa, em destaque, as duas bandeiras em miniatura.



Reunião plenária dos trabalhos da 5ª Conferência da Comissão Mista de Inspeção dos Marcos da Fronteira Brasil-Argentina, no escritório regional do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, com a presença do senhor Ministro Arthur G. Portella e do Conselheiro Antônio Conceição

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Logo após a saída do Ministro Portella, foi dado início aos trabalhos da Conferência. O Chefe da Delegação brasileira abriu a sessão, declarando regime permanente de trabalho, até seu término, às 17:00h. Ao encerrar-se a primeira fase dos trabalhos, a delegação argentina fez breve visita ao ERERIO, e também às dependências da Sede da Comissão Brasileira, onde foi servido um cafezinho, na a estação-rádio daquela Comissão.

Sendo o 1º dia da Reunião, acordou-se em terminar os trabalhos um pouco mais cedo.

A Delegação argentina estava hospedada no Hotel “Sol de Ipanema”, situado à Avenida Vieira Souto, em Ipanema. Hotel novo, contava com boas acomodações.

Quarta-feira – 13/08/1975 – Sessão às 13:30h. Cortejo dos temários e início de redação da Ata.

À noite, jantar e “boite”, oferecidos pela Delegação brasileira.

Quinta-feira – 14/08/1975 – A sessão iniciou-se às 14:30h, e se estendeu até às 18:00h.

Sexta-feira – 15/08/1975 – Começo dos trabalhos às 15:00h. Cotejo das Atas em português e espanhol, e numeração das páginas . À noite, programa social no “Clube Naval”.



Da esquerda para a direita: Cinefoto Caetano Senatro, Astrônomo Francisco Loncan, Coronel Juvenal Milton Engel e Auxiliar Técnico José Ramos Santiago

Sábado – 16/08/1975 – Passeios diversos pela cidade e arredores.

Domingo – 17/08/1975 – Passeio marítimo pela Baía da Guanabara, na lancha “Canopus”, da Marinha brasileira, com almoço em Paquetá. Os argentinos gostaram muito daquele programa.

Segunda-feira – 18/08/1975 – Sessão e reunião às 15:00h. Término e assinatura da Ata da 5º Conferência da Comissão Mista de Inspeção dos Marcos da Fronteira Brasil – Argentina.

Terça-feira – 19/08/1975 – Despedida e embarque da Delegação argentina para Buenos Aires, em avião da empresa “Aerolíneas”. Acertou-se o início da campanha para meados de outubro daquele ano. O próximo encontro se daria na cidade fronteira de Dionísio Cerqueira, SC.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Acertou-se, também, que a Conferência do ano seguinte seria realizada em Buenos Aires, naquela linda cidade da América Latina.

PARTIDA PARA A FRONTEIRA

Sábado – 18/10/1975 – Saímos do Rio de Janeiro numa Rural “Ford”, nova, com destino à fronteira argentina, tendo ao volante o próprio chefe da turma, Coronel Rubens Onofre de Azevedo Moraes, o “Moraesinho”, como era conhecido na sua roda.

No dia anterior, 17, muito cedo, a camionete “veraneio” preta, guiada pelo funcionário Pedro Arlindo, tinha sido carregada com material e partido para o mesmo destino (Barracão – PR, e Dionísio Cerqueira – SC).

Naquele mesmo dia, o Coronel Moraes havia dito que gostaria de viajar cedo no dia seguinte, às 5:00h da manhã, e pediu-me que estivesse pronto naquele horário. No entanto, só foi aparecer às 7:30h.

Éramos três no banco da frente, porque viajava também conosco o Topógrafo-Mirim José Duarte Ripardo. Era nosso colega mais moço, cheio de vivacidade e esperanças. Parecia bem um menino, com os cabelos arrepiados e o salto dos sapatos bem altos. Chegou trazendo sua bagagem.

O tempo estava nublado, e vez por outra caía um chuvisquinho. Ao passarmos pelo planalto paulista, continuava a

chover. Cruzamos São Paulo e só chegamos a Itararé às 23:00h, onde pernoitamos no Hotel Central. Continuava a chover.

Não gostava muito de viajar à noite, com estrada molhada e trânsito intenso, formado quase todo por carretas pesadas (“jamantas” de 18 pneus), correndo à noite em pista molhada e em terreno alto e sinuoso.

Tínhamos encontro marcado com os colegas argentinos no dia 20/10/75. Poderíamos ter saído mais cedo do Rio, uns dois dias antes, evitando, assim, o atropelo da viagem. Viajar em estrada singela e muito movimentada, à noite, é temeroso. Ainda mais com chuva!

Domingo – 19/10/1975 – Tempo instável. Cedo deixamos Itararé, e em seguida cruzamos a divisa com o Estado do Paraná. Ao meio-dia estávamos passando por “Pato Branco”, e entrando num trecho de estrada de chão. Mais tarde pegamos asfalto novo e viajamos bem, até “Marmeleiro”. Dali em diante, a estrada não era asfaltada. Rodovias sobre um chão consolidado, preparado para o asfaltamento. Mas as pontes sobre rios e córregos já eram de concreto.

Marmeleiro estava distante, mais ou menos, 50km de Pato Branco, e 85km de Barracão. Chegamos em Dionísio Cerqueira às 19:00h.

Lembrei-me que ao passarmos por São Paulo e entrar na pista “Castelo Branco”, havíamos encontrado a camionete “Veraneio” e o Pedrinho. A partir daquele ponto, passamos a viajar juntos.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Em Dionísio Cerqueira ficamos todos no hotel “Iguaçu”. Dividi um quarto com o Auxiliar Ripardo. À noite não pudemos dormir direito, tal a quantidade de mosquitos hematófagos que havia naquele quarto. Mosquitos cantadores e enjoados.

Segunda-feira – 20/10/1975 – Tempo instável. Às 9:00h acompanhei o Coronel Moraes à Prefeitura de Dionísio Cerqueira, para falar com o Prefeito. Fomos informados de que ele havia viajado para Brasília, mas seu Secretário, ciente de nossa ida à prefeitura, nos atendeu de forma satisfatória. Disse que poderíamos nos hospedar na Escola Agrícola. Faltava apenas fazer uma limpeza e alguns reparos nos vidros das janelas, que logo mandou fazer.

Terça-feira – 21/10/1975 – Seguiu a limpeza na Escola Agrícola, pela manhã. À tarde nos mudamos, ainda com a limpeza por terminar.

Logo recebemos a visita dos argentinos, liderada por seu chefe, Senhor Alfonsin, que tinha acabado de chegar.

No dia anterior havíamos visitado o acampamento deles, que estava quase pronto, com as barracas armadas. Fomos recebidos por D. Ochoaispuro, Tenente do Exército e Técnico Operador, que havia trabalhado no ano anterior com o Capitão Cecílio.

O nosso grupo se compunha de poucas pessoas:

Coronel Moraes, chefe;

Auxiliar técnico Ramos;

Capitão Cecílio, Topógrafo contratado;

Topógrafo Ripardo;

Telegrafista Luis Alberto Lando;

Auxiliar Palemão Maciel;

Motorista Alvarenga;

Capataz Virgílio.

Juntaram-se ao grupo um motorista e outros sete homens contratados localmente. Ao todo, éramos 18 pessoas, incluindo a cozinheira e a copeira.

Quarta-feira – 22/10/1975 – Tempo bom, mas muito frio. O Cecílio e o Ripardo começaram a remexer os instrumentos com que iriam trabalhar.

Desde o dia anterior, se encontrava por lá uma Comissão de militares do Exército, que estaria fazendo um levantamento local. Mas nenhum deles era conhecido do Cel. Moraes.

Naquela noite de terça-feira, quando estávamos jantando no restaurante da Rodoviária de Barracão, sete deles chegaram e se sentaram em volta à uma mesa grande que haviam reservado. Conversavam alegremente. Nem tomaram conhecimento da nossa presença. Para o nosso grupo, continuavam a ser ilustres desconhecidos.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Mas naquele dia, às 11:00h, estiveram lá os Oficiais desconhecidos do dia anterior, e se identificaram como integrantes do Comando do Major Santos. Lembrei-me que havia conhecido o Comandante daquela Companhia, quando estive trabalhando naquela região, em 1964, o, então, Major Getúlio Vargas.

Na casa da Escola Agrícola, que habitávamos pela terceira vez, encontramos uma turma do INCRA, que trabalhava nas redondezas. Assim como nós, eram hóspedes do Estado de Santa Catarina, tendo como chefe o Topógrafo Dionísio Lucas.

Não me senti bem naquele dia. Tive dores de estômago, o que me levou a fazer uma leve dieta. Logo melhorei. Lembrei-me que no dia anterior tínhamos tido um dia limpo e bonito. Foi uma pena não ter sido possível aproveitá-lo no serviço de campo, em virtude de não ter sido finalizada a Ata de reinício dos trabalhos de campo para aquele ano.

Quinta-feira – 23/10/1975 – Manhã linda de sol, porém fria e com vento.

O Cecílio e o Ripardo haviam saído para o divisor, para fazerem o reconhecimento do terreno onde iriam trabalhar naquele ano: do marco Terciário nº VIII ao 1º Secundário.

Em toda linha seca existiam 2 marcos principais (um em cada extremo da linha), 3 marcos secundários (entre os dois principais) e 45 marcos terciários, orientando o divisor de águas, numa distância de, mais ou menos, 24km.

Os marcos terciários não tinham sido construídos rigorosamente sobre o divisor de águas. No entanto, cabia àquela Comissão Mista o dever de construir novos marcos de densificação da fronteira, sobre o divisor (linha de cumeada), tendo em vista a decisão de se refazer um nivelamento de precisão, ajustado a uma nova poligonal, sem utilização das estações da poligonal anterior, feita pelos primeiros demarcadores.

Sem querer desmerecer o trabalho anterior, executado no século XIX por honoráveis cidadãos, os Barões de sua Majestade, o Imperador, quase todos os marcos terciários se encontravam fora do divisor de águas. No entanto, há de se considerar que, numa região desconhecida e despovoada como aquela, o trabalho dos demarcadores não devia ter sido fácil. De forma alguma poderia se exigir coisa melhor. Pelas dificuldades que deviam ter enfrentado para se chegar àquelas terras, subindo rios encachoeirados e viajando por terra em carretas puxadas a boi, comendo xarque com madioca e bebendo água sem ser filtrada, por meses e meses seguidos, aqueles Barões de sua Majestade bem poderiam ter sido considerados uns heróis!

Sexta-feira – 24/10/1975 – Tempo instável, com muita bruma seca. Finalmente o trabalho da Comissão Mista havia começado. O Cecílio e o Ripardo tinham saído para o campo às 06:15h. Eu, que havia julgado que o Cel. Moraes tinha ido se reunir no acampamento dos argentinos, para depois partirmos para o campo, deixei de acompanhar o Cecílio e fiquei à espera do Cel. Moraes. Na verdade, levantou-se às 08:30h, e despachou-me para o local do serviço, onde já se encontravam os argentinos, desde às 6:00h da manhã.

Não houve nivelamento, somente preparação e limpeza do picadão, desde o marco Terciário nº VIII até o IX, que havia

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

tombado. Ao meio-dia fomos almoçar, e voltamos ao trabalho às 13:30h.

Às 16:00h, nos arredores do marco Terciário nº VIII, apareceu por lá o Cel. Moraes, e às 17:00h o Senhor Afonsin, Delegado argentino, com um acompanhante. Admirou-se ao ver que o picadão, que há dois anos atrás havia sido limpo, rés ao chão, com destocamento e retirada dos galhos, estava coberto de mato que já atingia 3 metros de altura. Nos deparamos com uma nova dificuldade: um “chircal” espesso e constante, difícil mesmo de se cortar depressa. Muito emaranhado.

Na campanha de 1974 havíamos feito um picadão, com largura, aproximadamente, de 8 metros, em toda a extensão do divisor, desde o marco principal das Cabeceiras do Rio Peperí-Guassu até as Cabeceiras do Rio Santo Antônio, onde havia outro marco principal. Mais ou menos 24km de extensão, por cima da cordilheira.



*O imponente Marco da Cabeceira Principal do Rio Peperí-Guassu (5,50m de altura).
Da esquerda para a direita: Topógrafo Cecílio e Aux. Técnico Ramos.*

Sábado – 25/10/1975 – Tempo instável, com uma bruma seca, mas sem chuva.

O Cel. Moraes comentou com o Cecílio que o serviço estava andando muito devagar. Eu achava que não. Estávamos lá havia poucos dias, e a Comissão argentina, que tinha a incumbência do nivelamento, já havia feito a limpeza do picadão no marco Terciário XII. Assim, não via razão para a apreensão do Cel. Moraes.

A turma brasileira havia trabalhado o dia inteiro de sábado, mas a turma argentina só até o meio-dia. Não se podia prever o que iria acontecer dali em diante, porque ainda era muito cedo. Havíamos começado a trabalhar a bem poucos dias, e não dava ainda para se fazer uma previsão. Obrigar os argentinos a trabalharem sábado à tarde, não se podia. Pedir, também seria, a meu ver, incongruência e falta de ética diplomática. Então, nada mais fiz do que desperdir-me do Senhor Bassoli, com um aperto de mãos.

Quando regressei do trabalho, junto com os argentinos, no veículo deles, o Cecílio já me esperava na estrada próxima ao acampamento deles. Como eu tinha demorado um pouco, não por querer, mas para atender ao Senhor Bassoli, que desejava adiantar um pouco o seu trabalho para não ter que trabalhar à tarde, o Cecílio tinha me recebido com advertências, e queixando-se de já estar me esperando a muito tempo.

O Cecílio era um bom companheiro. Todos nós gostávamos dele. Porém, de vez em quando, o instinto primitivo se manifestava nele e cometia “gafes” desagradáveis perante os

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

estrangeiros. Naquele dia me contive para não lhe dar respostas à altura das suas incongruências, na presença dos argentinos.

A nossa Comissão, nesse assunto de tratamento e respeito mútuo, havia regredido muito, não só de cima para baixo. Já havia alguns anos que eu vinha recebendo verdadeiras desconsiderações de subchefes que nos acompanhavam nas tarefas demarcadoras.

Não se parecia em nada com as Comissões do Coronel Renato Barbosa Rodrigues Pereira, Coronel Themístocles Paes de Souza Brasil, General Sebastião Claudino de Oliveira e Cruz, Capitão-de-Mar-e-Guerra Braz Dias de Aguiar, General Ernesto Bandeira Coelho, etc. O próprio ambiente favorecia aquele estado de coisas, que só era notado por pessoas que tinham tido a felicidade de conviver com as chefias passadas. Como os tempos haviam mudado.

Domingo – 26/10/1975 – Dia limpo e com sol. Teria sido muito bom se pudéssemos aproveitar aquele dia para trabalhar, porque logo viria o mau tempo, que iria nos atrapalhar o serviço.

Passei aquele dia inteiro com enjôo e tontura, e fui obrigado a me deitar. Só levantava em momentos necessários. Tomei chá de “jujo” e “sonrisal” para agüentar.

Segunda-feira – 27/10/1975 – O tempo havia mudado. Amanheceu relampejando, e logo cedo caiu uma forte chuva, e algumas pedrinhas de gelo.

O Coronel Moraes havia resolvido ir ao Marco Principal da Cabeceira do Santo Antônio. Saímos e fomos ao acampamento

dos argentinos. Lá chegando, o tempo havia piorado, e nós voltamos ao nosso acampamento.

Os sete contratados locais para o serviço de campo trabalhavam na poligonal e na limpeza do picadão. Ganhavam o salário de Cr\$ 700,00 (setecentos cruzeiros) por mês, sem direito a refeição. O trabalho era muito escasso naquela região, e, por isso, aquela pobre gente se sujeitava a fazer qualquer coisa, por qualquer preço.

Uma senhora viúva, de nome Odir, contou-me que fazia almoço e janta para bancários, limpeza numa casa e lavava a roupa de um casal. Contudo, não chegava a receber Cr\$ 400,00 mensais. Por motivos como estes, as cidades cresciam cada vez mais, pois o pessoal rural se aventurava a ir residir na cidade, para fugir da desvalorização do trabalho no interior.

Chovia dia e noite. A estrada de chão havia ficado lisa, enlameada e perigosa. A nossa camionete rural quase ficou enterrada numa vala, apesar de ter tração nas quatro rodas.

Terça-feira – 28/10/1975 – Manhã fria. Dia do funcionalismo público. O então Presidente da República, General Ernesto Geisel, havia dado uma certa importância àquele dia, tornando-o ponto facultativo, com festas e promoções noticiosas nos jornais. Havia muito tempo que aquilo não acontecia. De minha parte, muito obrigado, Presidente!

Fui acordado de madrugada pelo mau tempo. Pelos vidros da janela, contemplei os trovões e relâmpagos, que voltaram a resplandecer o firmamento. Eram estrondos demorados e água descendo com fatura. Teve ocasião de o céu escuro se tornar claro

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

durante alguns momentos, devido aos relâmpagos constantes e demorados, um após o outro.

Neste assunto de chuvas, há sempre as previsões dos entendidos do lugar. Quando as nuvens escuras vêm do lado norte, diziam eles, é sinal de muita chuva. Se tem vento, este pode conduzi-la para outro rumo.

Enfim, cada um dava o seu palpite, e raramente erravam. No dia anterior, um daqueles rapazes que estavam trabalhando conosco havia dito que amanheceria chovendo. E assim foi. Choveu o dia todo, e não pudemos trabalhar.

Todas as vezes que chovia muito, o terreno ficava intransitável, e frequentemente o veículo atolava. O melhor que se podia fazer era não sair, esperar que o terreno escorresse um pouco e a terra aparecesse.

Às 16:00h saímos para o acampamento dos argentinos, cortando um lamaçal prolongado e perigoso. Lá chegando, o Senhor Afonsin nos convidou para entrar na barraca dos trabalhos técnicos, e em seguida mandou servir um “té” quente e gostoso, com suco de limão.

O Cel. Moraes combinava com o Sr. Alfonsin uma ida ao Marco Principal da Cabeceira do Rio Santo Antônio, para escolherem o local para colocar a antena da Empresa “Geocarta”, que seria usada para determinar, por satélite, as coordenadas daquele ponto.

Às 16 horas, caía uma chuva, vinda do sul, totalmente em desacordo com a teoria do pessoal entendido, que disse que as

chuvas de lá sempre tinham de vir do norte. Às 17:45h parou de chover e começou a esfriar. Voltamos ao nosso acampamento. Tínhamos conseguido ir ao acampamento dos argentinos e voltar ao nosso, sem atolar a Rural.

Quarta-feira – 29/10/1975 – Manhã instável. Vento norte frio. O perigo das chuvas ainda não havia passado. O tempo continuava bem comprometedor.

Às 6:30h chegamos ao acampamento argentino. Os dois acompanhantes do serviço da poligonal brasileira seguiram para o campo, juntamente com o operador brasileiro. Eu fiquei acompanhando o operador argentino, que fazia o nivelamento de precisão, para a locação dos novos marcos divisórios.

Às 09:00h começou um vento frio em cima da serra, que deixava a gente amofinado, com vontade de se meter numa toca e não sair mais de lá.

Recordei-me que no ano anterior haviam me mandado procurar uns parafusos de metal para as estacas de cimento armado, que estavam sendo construídas no divisor, na poligonal de precisão, e também nos marcos terciários da fronteira Brasil-Argentina.

Chegando ao comércio, procurando aqui e acolá, encontrei um parafuso de metal amarelo, comprido e de boa grossura. Mas ao regressar, notei que o preço pago não havia agradado. Mandaram outra pessoa adquirir um tipo mais curto, mais fino e mais barato. Passado um ano, vi que poucos parafusos ainda restavam no lugar, porque os moradores os haviam arrancado, à ponta de facão.

Estávamos fazendo, a bem dizer, nova limpeza, para podermos trabalhar. Anos atrás tínhamos aberto um picadão por cima do divisor, o mais próximo possível da linha de cumeada, cortando e destocando numa largura de 8 metros, em toda a extensão da fronteira.

Aquele trabalho havia sido dividido com os argentinos. Partimos do Marco Principal da Cabeceira do Peperi-Guassu até o marco Terciário nº XXV. Aos argentinos coube a continuação até o Marco Principal da Cabeceira do Santo Antônio, por todo o percurso em cima da cordilheira, sinuosa e pedregosa.

Fizemos a nossa limpeza com 10 homens, derrubando, destocando e encoivarando. A maioria trabalhava com foice e machado, em um criciumal quase constante, difícil de se andar por baixo. Foco de cobras venenosas e aranhas. Nos últimos dias tínhamos tido a cooperação de uma moto-serra, que nos ajudou a terminar a nossa metade. Ficou um estradão limpo e bonito, pela parte mais alta do divisor-fronteira.

No entanto, passados dois anos, não se reconhecia mais o terreno, tal a quantidade de mato que havia crescido naquele curto espaço de tempo. Estávamos fazendo uma nova limpeza para podermos trabalhar.

Quinta-feira – 30/10/1975 – Presumindo-se não chover mais, fomos cedo para o campo. Porém, às 08:10h, a chuva começou a nos incomodar e tivemos que regressar, descendo às carreiras o barranco liso da serra.

O terreno era constituído de pedras graúdas e terra vermelha. Logo a gente ficava todo emporcalhado de lama.

Choveu o dia todo. Fomos ver a escada que haviam mandado fazer para colocar a antena da Geocarta no topo do marco grande, que tinha 5,50 metros de altura. Precisava-se de uma escada com, pelo menos 4,50 metros de altura.

Sexta-feira – 31/10/1975 – Chuvinha miúda e tempo frio pela manhã. Completava cinco dias de chuva. No entanto, os meteorologistas do acampamento falavam que iria parar de chover. Será que iria parar mesmo?

Às 09:00h continuava chovendo, o tempo fechado e renunciando mais chuva. Ficamos no acampamento, aguardando o bom tempo.

O Cel. Moraes e o Cecílio levaram o caminhão para conduzir a escada e os apetrechos para o Marco Principal da Cabeceira do Santo Antônio.

A turma da empresa Geocarta chegaria domingo; uns de avião, pela cidade de Foz do Iguaçu, e outros de camionete, trazendo a aparelhagem.

A empresa havia ganhado a concorrência, que diziam ter sido feita com o objetivo de se obter, por rastreamento por satélite, as coordenadas daqueles dois pontos da fronteira seca. Para fazer as duas estações, cobrou Cr\$ 90.000,00, além das despesas de manutenção na fronteira. Tratava-se de um equipamento Geociver, com a hora local de Greenwich e um gravador de fita, que registrava automaticamente a hora exata da passagem do satélite.

A nossa Comissão tinha aparelhos e métodos para

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

determinar aquelas coordenadas, as quais, aliás, haviam sido determinadas pelos argentinos, no ano anterior. No entanto, tratando-se de método moderno – e talvez, não sei se estou enganado, mais como uma demonstração do que por necessidade –, resolveu-se pagar 90 mil cruzeiros e mais uns 10 mil de despesas de manutenção.

Se aqueles dois pontos da fronteira estivessem em uma geodésica, ainda se justificaria aquela despesa. Mas eram apenas dois acidentes de terreno, que não mudavam. Eram cabeceiras, ou melhor, nascentes de rios, balisados nos dois extremos por uma cordilheira e duas cidades. E as coordenadas tiradas pelos colegas da Comissão argentina, no ano anterior, eram boas e aceitas.

A Comissão brasileira continuava a não pagar o almoço dos pobres trabalhadores locais, mas exigia deles mais de oito horas diárias de serviço (seis dias por semana). Mandava-os almoçar em suas casas, à pé, a 3km de distância, para poupar combustível. Francamente! Continuava a não entender mais a nossa Comissão!

Sábado – 1º/11/1975 – Dia de Todos os Santos, amanheceu limpo e com sol. Saímos para o campo às 06:00h. Fui com o Cecílio, na Rural, até o acampamento argentino. De lá, na viatura deles, até a serra.

Trabalhamos até o meio-dia, e o tempo começou a mudar. Ao voltarmos para o acampamento, já caíam os primeiros pingos. Os argentinos se despediram, apertando-me a mão, e dizendo: “Hasta lunes” (Até segunda-feira). O Cecílio, que já me esperava

havia mais de 30 minutos (segundo ele), perguntou-me se eu trabalhava à tarde. Respondi-lhe que não. Ficou logo desapontado e me advertiu que ele trabalhava à tarde, e que os argentinos iriam com ele. E eu, nada mais fiz do que esboçar um sorriso, e confirmar, sem alarde, a inabilidade do Cecílio.

A tarde foi de chuva e de lama! Nada se pode fazer.

Domingo – 02/11/1975 – Finados. Dia limpo e frio pela manhã. O Cel. Moraes, o Capitão Cecílio e os argentinos saíram para o Marco Principal das Cabeceiras do Santo Antônio-Guassu, como era conhecido em épocas passadas. Foram ajeitar a escada no Marco, para se colocar a antena da Geocarta.



Marco da Cabeceira do Rio Peperí-Guassu, já com a antena colocada. Ao fundo, o pequeno caminhão da empresa Geocarta, com a aparelhagem em funcionamento. O Marco parece estar torto, mas não está. O defeito foi do fotógrafo, que era primário.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Às 10:00h o céu voltou a sujar-se de nuvens escuras e ameaçadoras de chuvas.

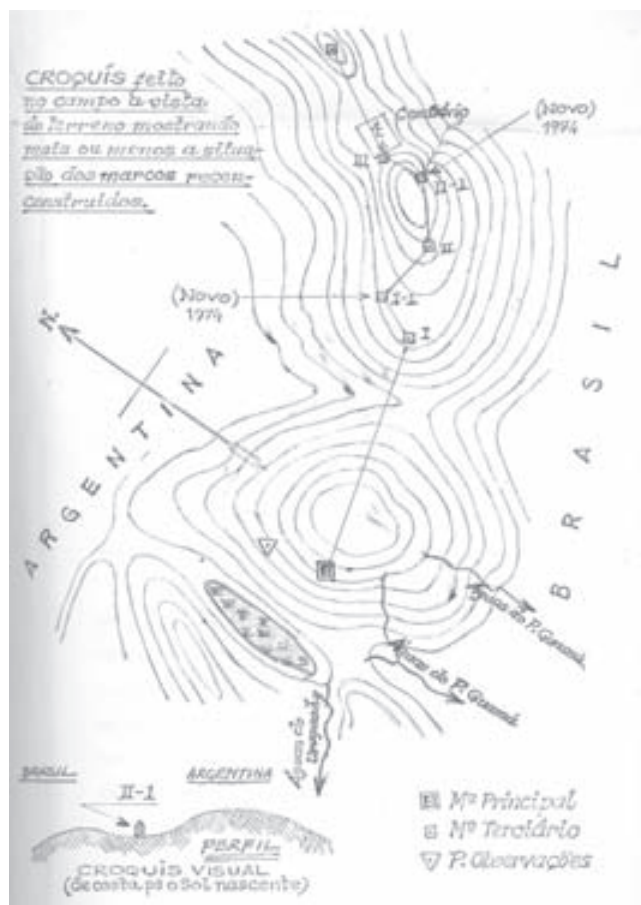
O Subchefe da Comissão, Cel. Moraes, não disse o que pretendia fazer na demarcação daquele ano. Mas, de acordo com a Ata da 5ª Conferência, realizada no Rio de Janeiro e assinada por todos nós em 18/08/75, parecia que iriam modificar o método da demarcação. Não iriam mais construir pontos da poligonal antiga, e sim levar em conta o nivelamento de precisão feito pelos argentinos, construindo os novos marcos no divisor – linha de cumeada.

Se não mudassem o método de demarcação, utilizado no ano anterior, iríamos ter marcos dentro do Brasil e dentro da Argentina, porque os pontos da poligonal passada não estavam sobre o divisor de águas, que era o verdadeiro divisor-fronteira.

Sendo a poligonal passada uma poligonal de exploração, nunca poderia ter tomado suas estações para local de marcos!

-O resultado foi o marco Terciário II/1 ter sido construído dentro do Brasil, em águas brasileiras, à revelia de um bom nivelamento de precisão, da técnica e da aparelhagem modernas.

A meu ver, o marco Terciário II/1 deveria ser removido dali, antes mesmo de despertar a atenção de pessoas estranhas, por estar muito dentro da cidade.



Croquis feito no campo, à vista do terreno, mostrando, mais ou menos, a situação dos marcos recém-construídos.

Não me conformava com o local do marco Terciário II/1. Até mesmo o Delegado argentino havia falado “que aquilo não tinha sido do seu agrado”, apesar de outras construções terem sido feitas também fora do divisor (construções novas).

O tempo continuava ameaçador. Às 13:00h o Cel. Moraes regressou da Cabeceira do Santo Antônio-Guassu, trazendo, em

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

sua companhia, o Coronel da Aeronáutica Wilson Kruskoski, um dos proprietários da empresa “Geocarta”. Apresentou-o a mim e ao Auxiliar Ripardo. Depois saíram.

Voltaram às 20:30h. Estávamos jantando. O Cel. Moraes tinha avisado para não esperarmos, porque poderiam demorar muito. Por outro lado, havia determinado que todas as vezes que chegasse a hora da refeição, a mesma deveria ser posta. Muito bem.



Marco Principal das Cabeceiras do Santo Antônio-Guassu. Ao centro, o Coronel Reformado da Aeronáutica, Wilson Kruskoski, da empresa Geocarta.

O pessoal da Geocarta havia chegado numa “Kombi” e num pequeno caminhão, trazendo os aparelhos e a antena. Logo instalaram a antena no topo do Marco Principal das Cabeceiras do Peperí-Guassu. Às 18:00h já tinham registrado quatro passagens. O mau tempo não tinha influência sobre as recepções. Somente as fortes descargas atrapalhavam um pouco.

O Cel. Wilson, querendo fazer uma exposição e explicação da aparelhagem aos demarcadores brasileiros e argentinos, havia marcado, para o dia seguinte, depois do almoço, uma reunião no acampamento da Comissão brasileira.

Segunda-feira – 03/11/1975 – Tempo nublado. Não sabia o motivo de o Cecílio ter-se demorado para sair do acampamento. Os argentinos já nos esperavam na porteira. Tinha dias que saía antes da hora, sempre com uma certa pressa de chegar ao serviço. Mas naquele dia entendeu de demorar, ficando completamente indiferente à partida. Chegamos ao local de trabalho às 7:00h. Quem compreendia o Cecílio?

Às 12:00h paramos para o almoço e fomos ao acampamento argentino. Lá encontrei os Coronéis Moraes e Wilson tomando aperitivo com os argentinos. Juntei-me a eles. Do acampamento argentino fomos ao hotel onde estava hospedado o Coronel Wilson, para que ele trocasse as calças, que haviam se rompido. Na derrubada da mata, ao redor do Marco Principal das Cabeceiras do Santo Antônio, ele quase teve um acidente com a moto-serra, que por pouco não lhe cortara a perna direita. A moto-serra é um instrumento perigoso. Eu, por exemplo, não gostava de ficar perto de quem trabalhava com ela. Do hotel fomos ao acampamento da Comissão brasileira, para almoçarmos.

Depois do almoço chegaram os argentinos, para assistirem à explicação sobre “rastreamento por satélite”, que seria proferida pelo Coronel Wilson, professor no assunto.

À tardinha voltamos ao campo, depois de ouvirmos as explicações do Coronel Wilson sobre o “The Navy Navigation

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Satellite System”. À noite jantou conosco, e depois se despediu. Logo cedo pela manhã do dia seguinte seria levado em nosso transporte até Foz do Iguaçu, e, de lá, viajaria de avião, para o Rio de Janeiro.

Os operadores da Geocarta ficariam na estação fazendo o trabalho nos dois marcos. Mais ou menos uns três dias em cada ponto. Umas 40 passagens seriam registradas em cada marco.

O que mais impressionava naquela fronteira era o fato de o nosso lado ser completamente sem árvores, enquanto que no lado vizinho havia uma floresta linda. Eles se preocupavam muito com as árvores, e não deixavam cortá-las.

Naquele dia o Senhor Bassoli estava mais disposto a subir a montanha. Nos dias anteriores parava de vez em quando, e levava a mão ao peito, arfando de cansaço. Em alguns trechos, a subida era íngreme, e a lama das enxurradas agravava ainda mais a subida da turma. A ladeira ficava um sabão, e a gente não tinha onde se segurar.

Terça-feira – 04/11/1975 – O dia amanheceu limpo, com temperatura boa e pouco vento. O Cel. Moraes saiu na Rural para Foz do Iguaçu, levando o Cel. Wilson Kruskoski, que seguiria de avião para o Rio de Janeiro.

O Cel. Moraes tinha uma qualidade muito boa: ele dirigia bem e gostava de dirigir. E aquela sua boa vontade e habilidade auxiliavam muito a turma em certas ocasiões. Deixava livre um motorista, para os trabalhos de campo.

Mas nem tudo em campanha eram vitórias. Havia, de vez em quando, uma contrapartida. No caminho para Foz do Iguaçu,

o motor da Rural nova incendiou-se, e o fogo propagou-se rapidamente pela parte elétrica, inutilizando tudo. O Coronel Wilson teve de continuar sua viagem de ônibus, e o motorista, Coronel Moraes, foi procurar ajuda em Francisco Beltrão. A Rural foi deixada para conserto por longos dez dias.

Os colonos locais aravam a terra até atravessar o divisor, e iam levando de roldão as estacas e os sinais dos marcos subterrâneos do levantamento anterior. O Cecílio havia dado uns croquis das estações do levantamento passado ao Sr. Bassoli, que sempre esquecia de levá-los para o campo. Ficávamos sem saber qual estação estávamos cruzando, sem levar em conta o nivelamento. As estações eram subterrâneas. E as testemunhas, feitas de estacas minúsculas, sem expressão no terreno, deixavam de ser vistas pelos aradores, que as carregavam para bem distante do local, sem mesmo se aperceberem.

Por várias vezes disse ao Cecílio para usar estacas maiores e de madeira de melhor qualidade. Mas não adiantava. Ele havia aprendido daquela forma, e tinha que ser daquele jeito. Perdíamos muito tempo procurando estações, sem encontrá-las.

Por sua vez, o Bassoli colocava suas estações dentro do mato, sem testemunhas ou qualquer outra coisa. Perdíamos tempo para localizar, também, as estações do Bassoli. Nem pareciam ser topógrafos, acostumados ao serviço de campo, com demarcações.

Um dia, o Cecílio pediu-me para conversar com o Bassoli, para que levasse os croquis para o campo, de forma que suas estações subterrâneas pudessem ser encontradas.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Eu gostava de ver a ingenuidade do Capitão Cecílio. Ele não estava vendo logo que eu não ia criar caso com os argentinos? Eles eram operadores e sabiam o que estavam fazendo. Se não estivessem operando direito, não cabia a mim censurá-los, nem mesmo, de leve, chamá-los a atenção. Somente o delegado-chefe poderia fazer tal coisa.

Eu acompanhava o serviço dos argentinos como “vedor” brasileiro do trabalho técnico, e não como instrutor de suas técnicas de trabalho.

O motorista deles, o Aguller (Aguiar) fazia de tudo: guiava o carro, colocava estacas, carregava miras e roçava. Fazia tudo sorrindo e nos atendia bem no serviço.

O nosso motorista não fazia nada daquilo! E não adiantava pedir. Somente guiava o veículo.

Naquele dia o Senhor Bassoli havia pisado numa cobra coral (coral falsa). Quase morreu de susto. O argentino pegou um pedaço de pau e a matou. Então eu disse a ele: “O Senhor acaba de criar um caso internacional: matou uma cobra brasileira”. Ele me olhou sorrindo, mas estava trêmulo de medo.

Contou-me que tinha muito medo de cobras (“tengo miedo de las víboras”). Não gostava nem de falar em cobras. Disse que no primeiro ano que trabalhara naquela região, um dia, por volta das 11:30h da manhã, tinha resolvido sentar-se num tronco grosso para descansar. Quando se encontrava bem acomodado, um dos trabalhadores lhe murmurou ao ouvido, para não assustá-lo: “Saia daí, que tem uma cobra venenosa dormindo”. De um salto pulou longe.

Que horror, señor!

Quarta-feira – 05/11/1975 – Tempo instável, com muitas nuvens. Às 07:00h estávamos em cima da cordilheira, entre os marcos terciários números XVII e XVIII.

Às 13:00h, o Cel. Moraes e o motorista Alvarenga regressaram da refrega com a camionete Rural que havia pegado fogo. Foi constatado ter sido defeito de fábrica. Um vazamento de gasolina pelo carburador havia dado origem ao incêndio.

A camionete só ficaria pronta no dia 15. Já começava o aperto, porque a camionete C-14 tinha apenas uma cabine, e transportava dois operadores brasileiros e dois operadores argentinos para o campo, todos os dias. Naquele dia tive de voltar do campo na viatura dos argentinos.

Às 17:30h paramos no marco grande das Cabeceiras do Peperí-Guassu para observarmos o funcionamento do aparelho receptor e do computador automático, que registravam a passagem dos satélites. Em seguida chegou o Prefeito da cidade de Barracão, acompanhado de sua esposa e de seu secretário. Logo depois o Gendarmen argentino chegou, e apresentou suas desculpas por algumas faltas que havia cometido no dia anterior. Disse que tinha intimado o operador da Estação Rastreadora da Geocarta a comparecer à gendarmeria, para esclarecer sua presença no local. O Gendarmen se fez de inocente, pois tinha sido avisado, com certa antecedência, sobre a presença dos observadores.

Às 18:00h começou a cair uns pingos d'água, e depois das 19:00h caiu um aguaceiro. Choveu a noite inteira.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Quinta-feira – 06/11/1975 – Passamos pelos argentinos às 6:30h, e às 7:15h estávamos em cima da cordilheira. O tempo estava instável, e havia muitas nuvens.

Às 9:00h havíamos completado o nivelamento até o primeiro marco secundário (3 metros de altura). De lá continuamos com os trabalhos de nivelamento, e paramos na estaca subterrânea nº XLIII, do Cecílio.

O Sr. Bassoli reclamava, quase chorando, porque teria que fazer o trabalho de nivelamento até sua origem. Realmente não era brincadeira o trabalho de operador; lá em cima da cordilheira: pisava-se sobre pedras roliças a toda hora, andava-se para frente e para trás, subia-se e descia-se com os sapatos pesados de lama, além do constante desequilíbrio do corpo. O Sr. Bassoli já era um homem idoso, e aquele trabalho era excessivo para ele. E para mim também, que só andava por lá pela necessidade de ganhar um pouco mais, para minha manutenção. Ao subir o monte, depois de cair uma chuva, o velho Bassoli levava cada escorregão, que às vezes tinha receio que se machucasse.

Aqueles marcos de 1903 eram uns monumentos. Umas pirâmides feitas com pedras brutas da região, trianguladas à mão. Afinavam-se ao topo. Os principais tinham 5,5 metros de altura, e os secundários três metros. O modelo de todos era o mesmo, fosse lá ou nas ilhas do Rio Uruguai.

Tinham escudos de bronze, tanto do lado brasileiro quanto do lado argentino. Parte daqueles escudos havia sido roubada pelo pessoal local, que chegou a inutilizar as pirâmides dos marcos para retirar o escudo, que era valioso. Poucos escudos ainda existiam.

E eram os dos marcos principais das Cabeceiras dos Rios Peperí-Guassu e Santo Antônio.

Aqueles marcos eram os assinaladores daquela fronteira seca, que, no princípio, havia sido disputada pelas duas Nações, só terminando a disputa em 1886, com a resolução do Presidente Cleveland.

No dia 8 de março de 1759 havia sido assinado um termo de reconhecimento e identificação da fronteira entre o Rio Peperí-Guassu ou Pequerí, pelos Comissários, português e espanhol, José Fernandes Pinto Alpoim e D. Francisco Arguedas.

No dia 6 de março de 1886, por Decreto referendado pelo Barão de Cotegipe, Ministro de Estrangeiros, foi promulgado o Tratado dos Rios Chapecó (ou Peperí-Guassu) e Chopim (ou Santo Antônio-Guassu). O território que os separava estava em litígio entre o Brasil e a República Argentina.

Os argentinos não trabalharam naquela tarde, para poderem ter tempo de calcular as estações já construídas. A turma brasileira havia saído para o campo, inclusive o Cel. Moraes. Fiquei sozinho em casa. Aproveitei para fazer algumas coisas que, até então, não tinha tido tempo de fazer.

Às 19:00h regressaram o Cel. Moraes e o Cecílio. O Cel. Moraes deu-me um punhado de laranjas, dizendo que não teria tempo para comê-las. De minha parte, achei aquela uma boa resolução. E pedi-lhe para que sempre fizesse assim.

Sexta-feira – 07/11/1975 – O dia amanheceu limpo, fresco, ventilado e com temperatura boa.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Às 07:00h encontrei-me com os argentinos na zona de operações daquele ano: Marco Terciário nº VIII.

O Senhor Bassoli iniciou o nivelamento, gritando, como sempre, com seus mireiros:

“Un poquito más arriba!”

“Un poquito más para trás!”

“Siga a su frente!”

“No! Más abajo!”

“Benga, Argentino!”

“Más, más, más, a tu derecha!”

E assim passou o dia. O Senhor Bassoli a gritar com seus mireiros.

Recordei-me que durante a reunião da 3ª Conferência, realizada em Buenos Aires, os técnicos argentinos haviam-se decidido pelo uso da prancheta, para o nivelamento de precisão. Mas, naquele momento, senti que o Senhor Bassoli achava o serviço à prancheta um pouco trabalhoso, na escala de 1:5000. Escala pequena para aquele terreno.

Sábado – 08/11/1975 – Dia limpo e muito quente. O trabalho seria realizado junto ao marco terciário IX, perto de uma mata muito bonita, do lado vizinho.

O Senhor Bassoli continuava gritando:

“Hoga, a la izquierda suya!”

“No, a la izquierda!”

“Benga, Argentino!”

Em conversa comigo, disse que estava muito cansado, e não pretendia voltar no ano seguinte.

O Sargento Toconás Teodoro trabalhava como seu registrador, e não entendia o motivo de não revezar o serviço com ele, para que pudesse descansar um pouco. Talvez não tivesse muita confiança no aluno.

Às 12:00h nos despedimos. Apertou-me a mão com um “hasta lunes”. Continuavam a não trabalhar sábado à tarde.

A mata do lado argentino era uma das coisas mais belas da fronteira. Árvores altas e muita madeira de lei. As mais conhecidas: “cabriúva”; “marfim” (guatambú); “canela”; “cedro”, etc.

À tarde aproveitei a viagem do Cel. Moraes a Santo Antônio e fui ao acampamento argentino. Levei duas bases WILD, para que o Senhor Bassoli pudesse escolher uma que se adaptasse ao uso da prancheta sobre os marcos terciários. Voltei às 21:00h, com o Sr. Alfonsin.

À noite o tempo mudou. Choveu durante toda a noite.

Domingo – 09/11/1975 – Manhã com chuva. Um domingo chuvoso e frio. Às 10:00h alguns trabalhadores chegaram para receber uma muda de roupa, que o Cel. Moraes havia prometido pagar-lhes.

A Comissão estava cortando, também, o pagamento de roupa e sapato para os trabalhadores contratados localmente. Antes, o trabalhador contratado recebia logo essa ajuda. Isso era uma tradição. E com o encarecimento da vida, de forma alguma aquele auxílio deveria ser descontinuado.

Na Comissão do Norte, com o Comandante Braz Dias de Aguiar e com o General Ernesto Bandeira Coelho, os contratados locais recebiam 2 pares de borzeguins, uma rede, um mosquiteiro e duas mudas de roupa, feitas de brim de boa qualidade. Isso era dado com a maior satisfação.

Segunda-feira – 10/11/1975 – Manhã de sol. Ventilada e pouco fria. Fui ao encontro dos argentinos às 06:30h. Tínhamos poucos veículos, e ainda estávamos sem um deles – a Rural que se havia incendiado.

Naquela manhã, à mesa do café, o Cecílio queixava-se não ter quem lhe carregasse o equipamento e o guarda-sol, e que ele mesmo tinha que fazer tudo aquilo. Contava com pouca gente, etc.

Ocasões como aquela é que eu achava o Cecílio um tanto ingênuo. Por quê se queixar para mim? Devia ir à presença do chefe da turma e pedir mais gente para trabalhar! A Comissão contratava apenas 8 homens e queria apresentar serviço de 30! Não via razão alguma para fazer aquilo.

Nos trabalhos de campo é que não se podia (e nem deveria) fazer economia! Ali tudo deveria ser facilitado, para que a turma pudesse se movimentar e produzir. Mas a realidade era outra. A Comissão estava dando mais ênfase ao escritório no Rio de Janeiro,

do que ao trabalho primordial e excepcional de campo! Sem o trabalho de campo, a Comissão não existiria. Economizar em viagens aéreas, pra lá e pra cá, para Brasília e para a fronteira, isto sim, seria justificável.

Eram 10:00h e lá em cima da cordilheira fazia frio. O sol estava em sua plenitude, mas não podíamos tirar os agasalhos.

Às 11:45h regressamos para o almoço, e voltamos ao trabalho às 14:00h. Às 12:45h, a camionete com o material da empresa Geocarta, guiada pelo Manuel, havia partido para o Rio de Janeiro. Às 16:00h, os dois delegados demarcadores, D. Alfonsin e Cel. Moraes, saíram para inspecionar os trabalhos. Levei-os ao marco terciário nº XII. Na carta, aquele marco aparecia na sela, mas no terreno estava bem no barranco. Às 16:45h se retiraram.

O capitão Cecílio não tinha hora para largar o serviço. O pessoal que trabalha com ele passava um aperto, porque só chegava em casa à noite.

O que nos salvava era o fato de o pessoal daquela região não ser agricultor; era muito pobre e se sujeitava a tudo. Fosse em outros lugares por onde havia passado, o meu amigo Cecílio já estaria falando sozinho, sem ninguém para lhe atender.

No mato tinha de tudo: motucas, lagartas, formigas, cobras venenosas, etc. Um dia uma lagarta passou por meu pescoço, e foi o suficiente para me tirar o sossego. Deixou uma assadura incômoda e dolorida.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Naquele dia, o engenheiro eletrônico, Dr. Dálvia, argentino, foi conhecer o sistema de coordenadas por rastreamento de satélite, que a Comissão brasileira estava adotando nas Cabeceiras Principais dos Rios Peperi-Guassu e Santo Antônio.

Terça-feira – 11/11/1975 – Dia limpo, com sol, fresco e ventilado. Às 06:00h os argentinos já estavam nivelando, estacionados na estaca subterrânea nº 16, que era o local do marco terciário nº XI, de 1903.

Em 1968 havíamos encontrado aquele marco caído pela base. Presumimos que tivesse sido tombado por uma forte tormenta que teria assolado aquela região. Iria ser reconstruído no mesmo lugar.

Começou a esfriar às 10:00h. Eu vestia uma japona de lã, forrada com pele, e mesmo exposto ao sol ainda sentia frio.

Ao subir novamente a serra, depois do almoço, senti-me cansado. Eu e o Senhor Bassoli tivemos que descansar várias vezes. A subida para o marco terciário nº XI era um tanto íngreme.

Pela manhã, o operador argentino havia parado seu serviço às 12:30h. Eu havia perdido a condução do Cecílio, e os argentinos me levaram de volta ao acampamento. Quanto lá cheguei, soube que a camionete preta estava a me esperar, no acampamento argentino. A última visada da tarde foi às 18:30h. Já não havia sol.

Quarta-feira – 12/11/1975 – Dia de sol, bonito, ventilado e fresco. Às 06:00h os niveladores argentinos já estavam operando.

Estávamos trabalhando no marco terciário nº XII. Tínhamos que subir e descer a cordilheira duas vezes por dia. A descida nos cansava menos, apesar de incômoda, pois havia muitas pedras miúdas e roliças, que nos faziam deslizar, e quase sempre nos obrigavam a pisar em falso, guinando o corpo para um lado e outro. Era estafante o serviço em cima da cordilheira.

Havia descido mais cedo para esperar a passagem da camionete, que estava operando mais à frente, com o Cecílio. Fiquei na beira da estrada recebendo nuvens de poeira que se formavam quando os carros passavam.

Quinta-feira – 13/11/1975 – Dia limpo e bonito. Cedinho os argentinos já operavam, antes das 06:00h. Naquela manhã fui encontrando as estacas subterrâneas do Cecílio, e fui escrevendo nas estacas-testemunha: Cecílio-21, Cecílio-22, Cecílio-23, etc. Na hora do almoço, quando nos encontramos, eu disse a ele: “Cecílio, eu sou seu amigo!” E ele perguntou-me por quê? Eu respondi-lhe: “Porque eu vinha escrevendo nas tuas estacas subterrâneas Cecílio-21, Cecílio-22, Cecílio-23. Mas quando encontrei a de número 24, não escrevi nada!”. Ele olhou sério para mim, e depois riu. Compreendeu e continuou rindo.

O Senhor Bassoli passou a tarde colocando pontos na subida de um “mogote”, do lado brasileiro.

A nossa estação subterrânea nº XIX havia sido arrancada pelo arado do dono da terra, e foi encontrada fora do lugar. A estaca-testemunha que o Cecílio havia colocado na estação era muito pequena e quase não identificava coisa alguma.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Já havia falado para o Cecílio colocar estacas maiores e mais visíveis. Mas não adiantava. Ele pertencia à cadeia de professores, e não concordava com alunos. Era natural.

Naquela época tudo era possível na Comissão de Limites. Até colocar marcos dentro do Brasil – em águas brasileiras.

Estava com as mãos furadas e os dedos doloridos de tanto segurar bastão para subir e descer a cordilheira.

O Senhor Bassoli havia chegado em cima da cordilheira. Sentou-se, visivelmente cansado, arfando e de boca quase aberta. Disse-me que a partir daquele dia iria levar seu almoço, para não ter que subir a serra duas vezes por dia. Concordei imediatamente com ele, e disse que faria o mesmo.

No dia anterior havia falado com o Cel. Moraes sobre a estaca-testemunha ser muito pequena. Era quase invisível, e por isso os aradores as arrancavam, sem mesmo se aperceberem. Ele respondeu que era assim mesmo, e que estava bem. Não concordei e respondi-lhe: “Conheço o serviço, e há muitos anos trabalho com topografia. A estaca-testemunha deve ser bem visível, e bem fincada ao terreno, para ser vista em qualquer ocasião. Só assim se evitaria que o arado a arrancasse. Não podíamos responsabilizar, de todo, o arado”.

Então falou-me: “Você acha que o serviço da Comissão não está sendo bem feito?” Respondi-lhe que estava sendo bem feito, porém alguns detalhes, não!

Chegaram do Rio de Janeiro, naquele dia, o Engº Loncan, sua esposa, a Senhora Carmen, e o cartógrafo da Comissão, Emílio

Araújo. Haviam viajado numa Rural Ford, nova, do serviço de demarcação, guiada pelo motorista Manoel Gonçalves. Hospedaram-se no Hotel Iguaçu, em Dionísio Cerqueira, porque não havia mais lugar em nosso acampamento (na casa).

Sábado – 15/11/1975 – Proclamação da República. Dia limpo e de sol. Cedo o Cecílio e o Ripardo saíram para o campo.

À tarde não houve trabalho. O tenente Ochoaispuro e o Sargento Toconás foram ao nosso acampamento para se despedir. Viajariam cedo, pela manhã, para Buenos Aires.

Lembrei-me que em maio daquele ano, o chefe da Comissão, Cel. Engel, havia mandado-me ir a Sant'Ana do Livramento, RS, para fazer um orçamento da pintura da casa, onde funcionava a 1º subsede da Comissão, na fronteira Brasil-Uruguai.

Eu e o telegrafista Lando havíamos conseguido que um dos bons pintores de casas da cidade fizesse um orçamento amigo. Assim, pintaria tudo (inclusive o teto e o muro), e vernizaria as portas por Cr\$ 9.500,00.

Ao regressar ao Rio de Janeiro e entregar-lhe o orçamento, disse-lhe que havíamos achado muito barato. Ele não concordou. Achou caro, mesmo, e se calou.

Naquele sábado, em conversa com o telegrafista Lando, soube que o chefe havia autorizado a realização daquele mesmo serviço, agora pela quantia de Cr\$ 14.634,00! Isto dispensa comentários.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Domingo – 16/11/1975 – Dia limpo e ventilado. O Coronel D.Emilio Maria Casares, da Comissão argentina, chegou de Buenos Aires.

Segunda-feira – 17/11/1975 – Tempo instável pela manhã. Às 9:30h o tempo piorou e logo depois começou a chover. Tivemos que abandonar o serviço, descendo a cordilheira às carreiras e aos trambulhões. Ficamos todos molhados e com frio. Choveu durante o dia todo. Não pudemos voltar mais ao campo.

Em setembro, a chefia havia resolvido tirar-me a arma que o chefe anterior, General Azambuja, havia me dado, para minha segurança pessoal no campo. O pretexto para recolherem a arma era que poderiam roubá-la, e eu teria que responder a inquérito. A arma já estava comigo há 19 anos, desde 1956.

Depois disto passei a ficar em cima da fronteira, sozinho, por horas a fio, esperando pelos argentinos, sem arma e sem segurança. O que faria, dali em diante, em caso de alguma aparição inesperada de feras, ou mesmo de malfeitores?

O mau tempo continuou noite adentro, esfriando muito. No dia seguinte, o Cel. Moraes, acompanhado do Senhor D. Afonsin, iria localizar vários marcos na região do cemitério internacional.

Por duas vezes, na passagem para o trabalho, o senhor Angel Ruiz falou na “destruición de un hito”, quando passava perto do cemitério. O Cecílio imediatamente começava a falar sobre outra coisa, procurando desviar nossa atenção. Êta Cecílio! Quem não te conhecesse, que te comprasse!

Já havia alguns anos, notava que se procurava dar um cunho de mistério na Comissão. Não sabia se não queriam que a gente percebesse o que se passava nos bastidores, ou se nos consideravam entulhos velhos, com pouca instrução, não podendo ser comparados aos coronéis subchefes e aos demarcadores.

O fato é que eu nunca sabia de coisa alguma. Tomava conhecimento das ocorrências e resoluções através de minha própria curiosidade, ou então pelos argentinos! E se perguntasse, se esvaíam em evasivas. Coitados!

Por ocasião da locação de marcos, não me convidavam. Só iria vê-los quando já estivessem em seus lugares. Naquele ano, nem mesmo depois de prontos eu os vi.

Era mais fácil eu tomar conhecimento sobre qualquer assunto de demarcação por intermédio dos argentinos do que pelo delegado brasileiro, Cel. Moraes, ou pelo “xereta” do Cecílio.

Havia notado que eles tinham muito receio das anotações que fazia em meu diário, o qual, algumas vezes, era lido por pessoas do Itamaraty, como por exemplo, o finado Embaixador João Guimarães Rosa, ex-chefe do Serviço de Demarcação das Fronteiras.

Naquela época o diário tratava somente de assuntos de trabalho e das operações da Comissão. Já os diários mais recentes, como este, eram cheios de recriminações, provenientes de problemas observados no ambiente das demarcações. Era um verdadeiro antanagoge. Dente por dente, olho por olho!

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Terça-feira – 18/11/1975 – Dia de sol. Trabalhamos o dia todo. Almocei no campo. Um sanduíche de carne e uma coca-cola, trazida pelo Bassoli. Depois nos deitamos na relva, até a hora de retomarmos os trabalhos. Foi bem melhor assim.

O tempo rapidamente ficou nublado. E lá para os lados do Cecílio já estava chovendo.

Largamos o serviço às 18:00h. Regressei no transporte dos argentinos.

Quarta-feira – 19/11/1975 – Dia de sol, mas ligeiramente nublado. Naquela manhã fomos informados pelos argentinos que o operador Bassoli havia viajado a serviço para a cidade de Eldorado, e que o trabalho seria retomado no dia seguinte.

Dia da Bandeira, não fui ao campo. No entanto, para o Cecílio e para o Ripardo, o trabalho transcorreu normalmente.

O Cecílio fazia o nivelamento taqueométrico, e o Loncan, acompanhado do desenhista Emílio Araújo, locava os pontos do trabalho naquele ano, para depois interpretar as curvas de nível.

O argentino Bassoli, à medida que trabalhava, ia tendo resultados, por que tinha a prancheta como instrumento. Quando terminava o dia, seu trabalho já aparecia, ao passo que a taqueometria só fornecia a caderneta. Daí, a calcular e a lançar os pontos, a distância ia longe. Mas os novos “entendidos” diziam que a prancheta era arcaica. Vamos ficar com eles.

Naquela noite o jantar foi servido às 20:00h. Não me fazia bem jantar àquela hora, porque me deitava cedo, e no seguinte dia não passava bem.

O Cel. Moraes e o Cap. Cecílio, antes de cada refeição, costumavam tomar aperitivos e comer salgadinhos. Quando iam para a mesa, já estava bem fora da hora.

Quinta-feira – 20/11/1975 – Tempo instável e com ameaça de chuva. Manhã fria. Encontrei-me com os argentinos na serra, às 06:15h, e logo cedo caiu uma chuvinha miúda. Mas não chegou a afetar o serviço, porque o guarda-sol deles era grande e protegia bem a prancheta e os instrumentos.

Às 07:00h ouvimos alguns trovões para o lado noroeste, e logo depois choveu mais forte. Descemos a montanha correndo. Fomos para o acampamento e chegamos lá molhados e com frio. Não voltamos mais ao trabalho.

O Cel. Moraes, o Auxiliar Pedro Arlindo e o Capataz Vergílio haviam ido a Francisco Beltrão buscar a Rural que se havia incendiado na semana anterior, quando íamos para Foz do Iguaçu. Às 17:00h voltaram sem ela. Não tinha ficado pronta.

Sexta-feira – 21/11/1975 – Dia bonito e de sol. Temperatura boa. Às 6:20h encontrei-me no campo com os argentinos. O Senhor Bassoli me apresentou ao seu colega, D. Francisco Barrón, que havia chegado de Buenos Aires no dia anterior. Iria trabalhar como registrador, no lugar do Sgt. Toconás. Era um senhor alegre e brincalhão. Deu-me logo um vidro de azeitonas, dizendo ser do seu sítio e preparadas por ele

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

mesmo. O senhor Bassoli piscou para mim, dando-me a entender que era “macana” dele.

Mais tarde o Senhor Barrón me deu pão e lingüiça, dizendo, também, que a lingüiça era um produto do seu sítio, feita por seus familiares. Então, com mais essa e uma piscada de olho do senhor Bassoli, compreendi mesmo que o nosso companheiro era um “gozador”.

Aí, para equiparar a gozação, contei-lhe a história de um velho roceiro do alto amazonas, que tinha um roçado de cana à margem do rio. Havia um cabloco que estava lhe roubando, todos os dias, um feixinho de cana da sua roça.

Ele, a princípio, pensou que fossem as “capivaras” ou os “caitetus” que estivessem estragando o seu roçado. Mas, olhando de perto, viu que a cana era cortada bem rés ao chão. Foi então que percebeu que estava sendo roubado por algum cabloco da margem oposta do rio.

Mais que depressa, foi para casa, tirou o chumbo de um cartucho da sua espingarda calibre 20, e encheu-o com sal. No dia seguinte, cedinho, foi pra lá. Chegando ao roçado não viu ninguém, mas notou que o roubo já tinha sido feito.

Então, se lastimando por ter-se demorado para chegar ao roçado, prometeu a si mesmo que, no dia seguinte, estaria lá antes do ladrão de sua cana. Queria lhe acertar um bom tiro de sal.

Na manhã seguinte, ainda escuro, se mandou para o roçado. Ao chegar, percebeu movimentos de um lado para o outro.

Descobriu, então, um cabloco que se dirigia, quase correndo, para o porto, com um feixe de cana sobre o ombro e uma faca na cintura. Quis atirar, mas estava longe. O sal não o alcançaria. Correu atrás, tentando se aproximar, mas o cabloco, que percebeu sua presença, foi mais esperto e se atirou na água, levando o feixe de cana.

O velho, não tendo outro jeito, armou a sua espingarda e ficou esperando o cabloco boiar, para lhe aplicar a correção de sal.

Mas logo depois, somente os bagaços de cana começaram a boiar. O cabloco havia chupado a cana toda debaixo d'água! Risada geral.

Almoçamos lá mesmo no campo, para evitarmos subir e descer a serra duas vezes.

Comecei a perceber que o Senhor Bassoli não gostava muito das brincadeiras do seu colega Barrón. De vez em quando lhe dizia uns impropérios, e lhe advertia para não errar as escritas que estava fazendo (registro das leituras). Tinha a impressão de que não iriam terminar bem, dois professores.

Tinha ouvido o pessoal dizer que a Comissão argentina havia convidado a Comissão brasileira para almoçar no domingo, dia 23, em seu acampamento. Almoço de confraternização.

Largamos o serviço às 18:10h, e começamos a descer a serra.

Sábado – 22/11/1975 – Dia de sol, de boa temperatura. Às 06:30h já havia encontrado o Senhor Bassoli e sua equipe operando em cima da cordilheira. Àquela hora já havia feito a ligação das estações subterrâneas 24, 25 e 26.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Devido aos muitos dias chuvosos que paralisaram os trabalhos no campo, o Senhor Bassoli havia resolvido trabalhar durante a tarde daquele sábado. Mas o tempo estava mudando.

Antes do almoço, conversando com D.Carmen, esposa do Eng^o Loncan, soube que os argentinos iriam fazer uma visita à Comissão brasileira, às 18:00h.

À tarde, quando me dirigi ao encontro do Capitão Cecílio para pegar uma carona e ir encontro dos niveladores argentinos, disse-me que não iria mais para aquelas bandas. Iria somente até o cemitério para locar um marco. Por isso, faltei ao nivelamento da tarde.

Na Ata da 4^a Conferência (Reunião Plenária), realizada em Buenos Aires, o Item 1 registrava: os trabalhos realizados por argentinos contarão com um observador brasileiro, e vice-versa. Um contaria com a assistência do outro. Assim, o nivelamento feito por eles teria um “vedor” brasileiro (eu), e o nosso, um “vedor” argentino (o Senhor D. Angel Ruiz).

Naquele dia, na hora do almoço, o Cel. Moraes contou-me sobre o convite feito pelos argentinos, para almoço no dia seguinte, e da ida deles, naquele mesmo dia, ao acampamento brasileiro.

Às 18:00h, em ponto, chegaram eles (pontualidade britânica): D. Alfonsin, Cel. Casares, D. Angel Ruiz, D. Bassoli, D. Francisco Barrón e D. Bonaro.

Reuniu-se, então, pela primeira vez naquele ano e a convite do delegado brasileiro, Cel. Moraes, a Subcomissão Mista de Inspeção dos Marcos da Fronteira Brasil-Argentina.

Era realmente solene e simpática uma reunião como aquela, onde pessoas de dois países se encontravam na maior alegria, e se confraternizavam como se fossem irmãos ou conterrâneos. Cada vez mais ficava convencido de que a diplomacia seria a religião do futuro! E que o Ministério das Relações Exteriores de cada nação seria o principal agente.

Momentos como aquele é que se via o quanto os homens poderiam se entender bem, falando delicado e francamente, sorrindo e confraternizando-se, para o bem e a união de todos.

Notava-se que até o interesse militar, felizmente, já havia desaparecido, em virtude da evolução pacífica e fraternal das relações entre os povos latinos. Graças a Deus, dia-a-dia aquilo ia ficando evidente!

Domingo – 23/11/1975 – Tempo instável, com ameaça de chuva. O Loncan, desde cedo, estava interpretando as curvas de nível do nivelamento taqueométrico do Cecílio.

O almoço, naquele dia, seria oferecido pela Subcomissão argentina, em seu acampamento, nas redondezas de Bernardo de Irigoyen.

Às 11:45h nos reunimos e partimos para o acampamento argentino. Passamos as duas “barreiras” (portões com correntes e cadeados), e nos dirigimos ao acampamento argentino, em Bernardo de Irigoyen. Lá nos esperava, alegremente, uma família de demarcadores, encabeçada por D. Alfonsin.

Duas mesas estavam postas à nossa espera: uma com aperitivos, e a outra para o almoço. Nos cumprimentamos com

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

apertos de mãos. Reunião salutar, repetida todos os anos, quando se falava de tudo, além dos trabalhos técnicos da demarcação. A única presença feminina era a da senhora Carmen, esposa do Eng^o Loncan.

Regressamos ao nosso acampamento às 15:30 horas, debaixo de chuva e de frio.

Segunda-feira – 24/11/1975 – Tempo instável, mas com boa temperatura.

O transporte estava difícil. O Cecílio havia dito que não iria mais para o lado do nivelamento, porque trabalharia na construção de marcos. Então eu teria que verificar quem iria para aqueles lados. Disse, também, que o Cel. Moraes estava achando o gasto de combustível muito alto. Por isto, ele, Cecílio, não poderia me conduzir mais dois quilômetros à frente.

O caso acabou sendo resolvido pela Comissão argentina. Iriam levar-me em uma de suas camionetes, até perto do local do serviço.

Engraçado! A turma do Auxiliar Ripardo estava trabalhando nas imediações do Marco Principal da Cabeceira do Santo Antônio, que distava cerca 30 km. do nosso acampamento.

Todos os dias o Auxiliar Ripardo ia para o campo e voltava para almoçar no acampamento. Seria interessante, para economizar combustível, que ele passasse a levar seu almoço, e o de seu pessoal, também. Ele fazia quatro viagens por dia, ou seja, 120km, quando o percurso poderia ser de apenas 60km, a metade. Isso sim, reduziria o percurso, e se faria economia!

Estávamos acampados longe do local de serviço, em função de nossa comodidade. E o interesse da Comissão? Não seria mais razoável que estivéssemos acampados próximo ao local de trabalho, assim como faziam os argentinos?

Eu acho que estavam querendo se fazer valer à custa do suor da gente!

Terça-feira – 25/11/1975 – Dia limpo e com sol. Começamos a trabalhar às 06:00h. O Senhor Bassoli, que estava no aparelho, piscou para mim, como se estivesse pedindo para conferir o que o seu colega, Sr. Barrón, estava registrando.

Fiquei embaraçado e disfarcei. Como iria fazer uma coisa daquela, se os dois eram operadores antigos e discutiam o assunto como dois professores, a todo momento? Não me faria passar por idiota! Sabia que os dois trabalhavam juntos havia mais de 30 anos, e eu, naturalmente, não seria tão ingênuo de cometer uma gafe daquela.

O Sr. Bassoli não numerava as estacas em seu levantamento, e as colocava em qualquer lugar, sem distinção. Com a retomada do nivelamento de controle, não sabia onde se situava a maior parte das estacas, tampouco sua identificação. Ficava a procurar, sem conseguir encontrar vestígios. Era engraçado. Daí, o registrador Barrón achava que o Sr. Bassoli não sabia de coisa alguma. Ficavam se xingando o dia inteiro.

Conversa vai, conversa vem, o Senhor Barrón, naquele dia, havia-se declarado simpático ao comunismo ateu. O Senhor Bassoli, quase gritando, acusou: “No es simpático”, “es comunista verdadero” .

Ficavam se hostilizando o tempo todo, cada qual querendo ser melhor que o outro. Discutiam a todo instante, desde o serviço à política do país deles.

O senhor Bassoli acabara de ler a estação onde havia deixado uma estaca. O senhor Barrón, efetuando o cálculo, disse-lhe, quase gritando: “Llego mui bien, com 72 centímetros!...” Risada geral.

Réplica do senhor Bassoli: “Viejo maluco!”

Quarta-feira – 26/11/1975 – Dia de sol, muito bonito e de temperatura boa. Antes de ir ao encontro dos niveladores argentinos, ajudei o senhor Alfonsin a colocar o RN no primeiro marco secundário. Foi colocado na estaca de concreto subterrâneo, ao pé do marco, na aresta que ficava para o lado nascente. Em seguida o senhor Alfonsin me levou ao nivelamento do senhor Bassoli, que havia ficado para trás, ainda na roça de milho do Sr. Arthur Fernandes.

Ao subir a serra, com aclive superior a 40°, o senhor Bassoli resmungava estar cansado, e dizia: “llega de Comisión de Limites”.

Todos os dias, subindo e descendo duas vezes aquele divisor de águas, de ladeira pedregosa e íngreme, dificilmente alguém se acostumaria. Depois, cruzava-se o imenso milharal do senhor Arthur Fernandes, gaúcho de Santa Maria, que tinha um filho de nome Moacyr. Bom rapaz.

Às 11:15h começamos a descer ao rumo do veículo, para irmos almoçar. Voltamos a almoçar no acampamento.

Quando regressávamos para o trabalho, às 13:00h, eu na cabine do veículo deles, imprensado entre Bassoli e o Barrón, começou uma discussão entre os dois, que quase os levou às vias de fato. O sr. Bassoli abanou a cara do seu companheiro. Eu, que estava no meio, quase peguei as sobras. Fiquei encabulado com o negócio. Dali em diante o silêncio tomou conta da viagem, até chegarmos em cima da serra.

Francamente, não havia gostado da atitude indelicada do senhor Bassoli. Poderia ter sido mais cortês no tratamento ao seu companheiro, respeitando a minha presença, como estrangeiro, e ao senhor Barrón, como seu companheiro.

Lá em cima do divisor da fronteira havia uma frutinha preta, pequenina e muito gostosinha, que se assemelhava a uma bolinha de chumbo, e por isso a chamavam de “chumbinho”. Dava em cachos, e os galhos pendiam para baixo, pesados pela quantidade de frutinhas que nasciam. Enquanto não amadureciam, tinham a cor verde.

Quinta-feira – 27/11/1975 – No começo do dia parecia que ia chover. Depois melhorou, e fez bastante sol. Às 07:00h fui para o acampamento dos argentinos para acompanhar os cálculos do nivelamento. Fui com o Cecílio, que iria trabalhar naquela proximidade, na construção de novos marcos, juntamente com o Cel. Moraes. Cada qual seguiu em seu veículo.

Na hora de regressar, nenhum dos dois se lembrou de mim. Fiquei aguardando a camionete do Ripardo. Quando chegamos ao nosso acampamento, já haviam terminado de almoçar.

Já não havia mais aquela cerimônia e respeito que tínhamos no passado pelos colegas. À mesa do almoço estavam sentados o

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Cel. Moraes e o Capitão Cecílio. Parecia que estando os dois por lá para almoçar, a subcomissão estava completa, e não faltava mais ninguém.

Os assuntos de serviços ficavam entre os dois. Não me participavam de coisa alguma. Vinha recebendo tanta frieza da parte deles, que já me sentia gelado. Estava saturado daquilo, e, quiçá, estivessem perdoados meus pecados cá na terra. Não me falavam sobre qualquer assunto de trabalho da Comissão. Evitavam até mesmo que eu visse a locação dos novos marcos. Eram os donos da Comissão!

Ai de mim se não tivesse herdado a paciência do bíblico JOB!

Sexta-feira – 28/11/1975 – Tempo instável. O Cecílio e o Ripardo haviam ido fazer a vinculação dos marcos construídos naquele ano, com aqueles construídos no ano anterior.

Ainda tínhamos que fazer a Ata de Encerramento dos Trabalhos e a cópia fotográfica da prancheta. Os argentinos estavam completando a Ata de Encerramento. No dia seguinte, cedo pela manhã, iríamos a Eldorado – a simpática Eldorado.

Naquela madrugada o Loncan teve um desmaio. Acordamos com os gritos da senhora Carmen. O Cel. Moraes acordou e imediatamente o levou ao médico. Melhorou após o atendimento médico, mas deveria ficar em repouso e tomar somente chá.

Aquele dia tinha sido movimentado, e ainda havia a turma de Sant’Ana do Livramento, que se preparava pra regressar cedo,

na manhã do dia seguinte. Um caminhão e uma camionete C-14 estavam carregados com material de acampamento e bagagem pessoal.

Sábado – 29/11/1975 – Tempo instável. Choveria à tarde. Às 05:00h partiram os integrantes da 1ª Subseção da Fronteira Brasil-Uruguaí, com destino a Sant’Ana do Livramento. Regressaram antes de nós, e com eles o Capitão Cecílio Ril Wizikowski. Os demais ficaram por conta dos trabalhos técnicos e da assinatura da “Ata de Encerramento dos Trabalhos de Campo”.

Eu e o desenhista Emílio Araújo seguimos com o Cel. Casares para Eldorado, cidade argentina a 140 quilômetros da fronteira. Tínhamos que fazer cópia dos desenhos dos trabalhos efetuados naquele ano. Saímos de Bernardo de Irigoyen às 07:00h, e chegamos lá às 09:00h. A estrada, toda asfaltada, cruzava uma mata virgem, com muita reserva de madeira.

Em Eldorado fomos diretamente à Gendarmeria, mesmo local onde havíamos feito cópias no ano anterior. Falamos com o Comandante Principal, Humberto Jorge A. Alvarez, que logo nos convidou para almoçar em sua casa. Aceitamos. Lá fomos muito bem tratados por aquele militar argentino, que parecia nos conhecer há muito tempo. Tratamento de amigo.

Fomos apresentados aos seus seis simpáticos filhos – 4 moças e dois rapazes. Logo depois chegou sua senhora, D. Edith Antônia (Nini). A delicadeza e o bom tratamento foram redobrados. Passamos bons momentos de satisfação e de alegria propiciados pelo distinto casal.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Começamos a viagem de regresso às 15:00h. Chovia muito naquela tarde. A chuva nos tirou o prazer do passeio de regresso, pela estrada ladeada de árvores altas e bonitas.

Não consegui comprar coisa alguma em Eldorado, porque lá não faziam câmbio. Só aceitavam o peso argentino.

À tardinha visitamos o acampamento argentino. Preparavam-se para levantar acampamento. Estavam concluindo a Ata de Encerramento dos Trabalhos de Campo, em espanhol.

Domingo – 30/11/1975 – Tempo instável. Naquele dia a Delegação brasileira retribuiria o almoço argentino. Íamos todos almoçar na Churrascaria Líder, na cidade de Dionísio Cerqueira. Não sabia dizer por quê só haviam me avisado em cima da hora. Não tive tempo para me preparar. Soube que as duas delegações haviam se reunido em Comissão Mista para cotejar as versões da Ata de Encerramento.

Fui me olhar no espelho, e quase não me reconheci. Achei-me magro, muito queimado de sol e maltratado pelo frio.

O trabalho de campo era duro. Exigia muito da pessoa: levantar-se cedo e largar tarde, aproveitar bem os dois crepúsculos, para obter um dia rendoso e evitar a reverberação que tanto atrapalhava as leituras indiretas. Era um trabalho que maltratava bastante o operador, e exigia o máximo de atenção nas leituras, quase sempre controladas pelo registrador.

O registrador também tinha boa dose de responsabilidade pelo êxito da jornada diária. Deveria ter muita atenção e dedicação

ao trabalho que fazia. Pessoas distraídas não serviam para aquele serviço.

Às 11:45h nos encontramos, brasileiros e argentinos, em frente à Churrascaria Líder, para o almoço oferecido pela Comissão brasileira.

Sempre que nos reuníamos socialmente, a alegria imperava. Eram momentos muito agradáveis aqueles, que passávamos juntos a conversar.

Presença feminina só a da Senhora Carmen, esposa do Engenheiro Loncan, que não podia comer nem beber. Recuperava-se de um princípio de intoxicação, que o havia deixado de cama.

Às 14:00h terminamos de almoçar e nos despedimos. Cada grupo tomou o rumo de seus respectivos acampamentos.

Segunda-feira – 1º/12/1975 – Tempo instável e frio. Pela manhã, eu, o Cel. Moraes e o Emilio (dois fumantes), conversávamos sobre o fumo de boa e de má qualidade. Eu falava sobre a plantação de tabaco daquela região. Me referia ao tabaco prensado, que perdia muito de seu valor e de suas propriedades.

Como eu não fumava e estava falando muito sobre aquela planta, o Cel. Moraes perguntou-me quais eram as propriedades que o tabaco perdia. Respondi-lhe que se tratava do mel grosso que caía da prensa e se perdia no chão.

Perguntou-me o que continha o mel grosso. Aí dei-me conta de que estava querendo me gozar e me levar na troça. Portanto,

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

não lhe dei resposta. Lembrei-me da história dos dois amigos caçadores que haviam saído a passear pelo mato. Um perguntou ao outro: “Fulano, se aparecesse uma onça agora, o que tu farias?”

O outro respondeu: “Subiria naquela árvore”, apontando para uma árvore grande que estava próxima.

“E se a onça subisse também?”, perguntou o amigo.

O outro respondeu, atemorizado: “Eu pularia da árvore e entraria no oco daquele tronco!”, disse apontando para um tronco grosso e oco, que estava mais à frente. E o amigo insistiu: “E se ela pulasse também, e entrasse no oco do tronco?”. Aí o outro olhou-o admirado, e perguntou-lhe: “Você é meu amigo, ou amigo da onça?”.

Muita gente fuma a vida inteira, sem se aperceber como é preparado o tabaco. Eu não fumava. Nunca havia fumado, mas já havia estado em zona produtora de bom tabaco, e tinha assistido como se preparava o fumo, desde o amanho das folhas! Bragança, Estado do Pará, zona produtora de bom tabaco!

Acontecia naquele ano o mesmo que havia acontecido no ano anterior. A esposa de funcionário da Comissão, meu colega de trabalho, não saía da Argentina. Fazia compras e ocupava o carro da Comissão. Passava pela “barreira” do Fisco como se estivesse a serviço da turma.

Eu, por exemplo, fazia minhas compras quando regressava do trabalho de campo, com o máximo cuidado para não ser visto, e para não melindrar as autoridades aduaneiras.

O subchefe, Cel. Moraes, não falava coisa alguma a respeito, e aquilo ia se repetindo pelo segundo ano. Não demoraria muito para falarem que a Comissão estava fazendo mais contrabando do que trabalho.

Que fizessem suas compras, algumas vezes que fossem por lá. Mas, daquela forma como estavam fazendo, acintosamente e todos os dias, causava vergonha para a turma da Comissão. Naquele dia ela havia feito compras duas vezes. Uma pela manhã, e outra à tarde. Assim era vexatório. Se é que aquilo fosse vexatório para aquela Comissão!

Às 16:00h ainda não sabíamos quando iríamos regressar, porque a Ata, em espanhol, ainda não havia ficado pronta. Como sempre, os argentinos estavam sem datilógrafo, e não aceitaram o nosso, que lhes foi oferecido.

Ainda tínhamos que ocupar a “xerox” da Prefeitura de Barracão, para tirar as cópias necessárias. Há vários anos que ocupávamos o prefeito de Barracão com aquele serviço. E, quase sempre, aos sábados e aos domingos. Naqueles dias o trabalho era dobrado, pois tínhamos que buscar os funcionários em suas casas.

Às 16:45h os argentinos chegaram à prefeitura, acompanhados do Cel. Casares. Levaram uma máquina de datilografia e um Sargento da Gendarmeria, para atender a possíveis correções, que sempre apareciam no cotejo das duas versões da Ata.

Redigir e aprontar a Ata de demarcação da fronteira não era tão fácil, e qualquer equívoco que aparecesse exigia que a página fosse rebatida.

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Depois de pronta, era lida palavra por palavra, vírgula por vírgula, e não podia conter emendas ou repetição de sílabas, como se usava nos cartórios.

Naquele ano não tinha visto nem tocado na Ata. Suas vias só chegaram às minhas mãos na hora da assinatura. Tudo havia sido feito pelo Subchefe: redação e cotejo.

Da mesma forma, os trabalhos de campo haviam ficado sob a responsabilidade do Capitão Cecílio, executor, e do Cel. Moraes, orientador. No maior silêncio, os dois resolviam tudo. Só eles deliberavam e faziam o que queriam, após a aprovação do Chefe da Comissão.

Nunca os dois Chefes de Comissão, brasileiro e argentino, haviam posto seus pés naquela fronteira seca! Mas nunca, mesmo! A razão, não sabia. Prometiam muito que se encontrariam na fronteira, mas isso nunca havia acontecido.

Caso isso viesse a acontecer, poderiam ver, com seus próprios olhos, como os novos marcos construídos ultimamente não estavam sobre o divisor – fronteira; como os locais daqueles marcos haviam sido mal escolhidos.

A locação de marcos merecia ser refeita, porque estavam dentro da cidade, em local muito freqüentado por viajantes e turistas.

Não concordava com aquela locação de marcos: uns dentro do Brasil, outros dentro da Argentina. Uns em águas brasileiras, e outros em águas argentinas. (figura 1)



E se me negasse a assinar o termo de construção, por achar que o marco não estava em seu devido lugar? Como, por exemplo, o marco terciário II/1 – 1974. Criaria eu uma dificuldade tão grande para a nossa Comissão, que depois seriam capazes de me destituírem por incompetência e incoerência, obrigando-me a sair da Comissão, sem nem levarem em conta mais de 40 anos de sofrimento por todas as fronteiras do Brasil? Sem considerarem os bons serviços prestados e assinalados pelos chefes anteriores?

As Comissões de Limites, desde os tempos primordiais, tinham caráter militar. Por isso, ao serem designados para a

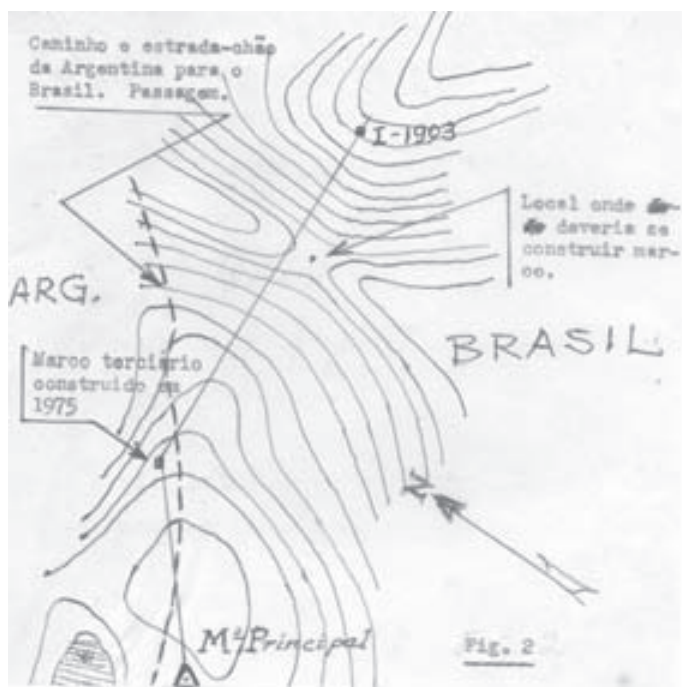
JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Comissão, os militares já ingressavam como chefes e subchefes, mandando nos funcionários civis. Até mesmo nos funcionários civis do MRE, que tinham experiência em trabalhos demarcatórios pelas fronteiras, e muito conhecimento de seus detalhes. Chegavam e não davam a mínima atenção àqueles funcionários, que ficavam à mercê dos seus caprichos, trabalhando sob suas ordens, fazendo, constantemente, o que eles, talvez, estivessem fazendo pela primeira vez!

Até pouco tempo atrás, os militares ganhavam duas diárias, alimentação, pousada, dois vencimentos, patente e gratificação da Comissão. Por essas e outras circunstâncias, sentiam-se superiores em tudo.

Contavam em dobro o tempo de Comissão, para efeito de reforma. Enfim, eu considerava aquilo uma verdadeira anomalia. Alguns funcionários do MRE, que trabavam na Comissão, tinham que suportar aquela situação, sem terem a quem se queixar. E a vida continuava. A boa parte para eles, e a ruim para nós.

Entre o marco grande principal da Cabeceira do Peperí-Guassu e o marco terciário nº 1, sobre o divisor – fronteira, existia uma sela bem mais pronunciada para o lado brasileiro. A meu ver, deveria ser o ponto obrigatório de um novo marco – (figura 2)



A Ata era sempre assinada na própria prefeitura, à vista do prefeito, que sempre nos oferecia um cafezinho. Tudo era feito às carreiras. O prefeito Andre Guareschi já nos tinha como amigos. Abria a prefeitura para nos atender, inclusive aos domingos, e com a maior satisfação. Era um bom brasileiro. Entendia que a ajuda que nos prestava era patriótica. Por isso o encontrávamos sempre sorridente e de boa vontade.

Graças a ele, podíamos satisfazer plenamente nossos colegas argentinos, que não aceitavam cópias de papel carbono. Somente xerox.

Às 18:20h terminamos de assinar as versões da Ata e suas cópias, na presença do nosso amigo, prefeito Andre Guareschi. Daí começamos a nos despedir: “Até a próxima conferência da

JOSÉ RAMOS SANTIAGO

Comissão Mista, em Buenos Aires”.

Voltamos correndo para o nosso acampamento, para jantarmos e arrumarmos tudo para viajar bem cedo. Eram 21 horas.

Após o jantar, carregamos as três camionetes com instrumentos e material da Comissão, deixando para acomodar nossa bagagem na hora da partida.

Terça-feira – 2/12/1975 – Às 05:00h dividimos nossa bagagem pessoal nas três camionetes. Éramos 9 passageiros. Distribuímos 3 passageiros em cada veículo: o Engº Loncan e sua esposa Carmen, na camionete “Veraneio”, com o Motorista Manoel; o Cel. Moraes, o Auxiliar Ripardo e o Emilio Araújo na camionete Rural; eu, Pedro Arlindo e o Capataz Vergílio (que ficaria em São Paulo), na segunda camionete Rural.

Iniciamos a viagem às 6:30h, regressando pela mesma estrada: Marmeleiros, Pato Branco, Coronel Vivida, etc.

Viagem normal, com tempo bom. Às 18 horas chegamos a Ponta Grossa, PR, e resolvemos pernoitar por lá.

Quarta-feira – 3/12/1975 – De Ponta Grossa em diante, a Rural do Cel. Moraes, guiada por ele mesmo, logo na saída, tomou a BR-116, e nós continuamos rumo a Tatuí e Castelo Branco, via São Paulo. Pernoitamos em São Paulo, porque o funcionário Pedro Arlindo, que guiava a Rural, residia lá com sua família.

Quinta-feira - 4/12/1975 – Chegamos ao Rio de Janeiro às 22 horas.

